

Encontros e Memórias: A Inserção dos Nikkeis na Universidade de São Paulo e na Sociedade Brasileira

Texto: Zilda Márcia Gricoli Iokoi
Entrevistas: Ana Lúcia Casanova, Julio Toledo e
Zilda Márcia Gricoli Iokoi

Iniciara-se o ano de 1908, quando o pai de Geny Wakisaka chegou ao Brasil com a primeira leva de imigrantes japoneses, composta de cento e setenta famílias, em um total de 794 pessoas, com contratos de trabalho em algumas fazendas do Estado de São Paulo. Dentre essas famílias estavam doze pessoas na condição de passageiros autônomos, cujos nomes não constam no Livro de Registro existente no Memorial dos Imigrantes, antiga Hospedaria que recebia e fazia a triagem dos estrangeiros que se deslocavam de diferentes países em busca de melhores condições de vida e trabalho. O pai de Geny foi um deles. Trazidos pelo navio Kassato-Marú, eles partiram do porto de Koobe em 28 de abril de 1908, aportando em Santos no dia 18 de junho desse mesmo ano.

Ser imigrante é sempre uma decisão que supõe coragem. Deixar o lugar de origem para um destino incerto pode ser uma experiência traumática pois as perdas não são imediatamente compensadas pelas novas possibilidades que o ato de migrar permite. Sayad¹ nos informa que nos tornamos migrante quando chegamos em um lugar diferente do nosso que não nos reconhece como tendo o pertencimento dos que já habitam esse espaço.

Jorge Malheiros², em estudo recente, apresenta algumas questões necessárias ao estudo das imigrações que devemos considerar neste momento de rememoração da centenária imigração de nikkeis para o Brasil. A primeira grande questão é a da quantificação dos que imigram. Mesmo nos processos como os realizados ao longo dos séculos XIX e XX, diferentemente dos atuais, a imigração se fazia como política de governos, envolvendo o país de emigração e o de imigração. Ao ser aberto um fluxo de deslocamentos desenvolviam-se um conjunto de serviços e de organismos facilitadores, para estimular os translados e as possíveis acomodações. Mesmo assim, alguns imigrantes saem em uma direção, mas tomam rumos diferentes sem rastros definidos. Isso implica em um desconhecimento sobre porcentuais de pessoas, seus custos, seus fazeres e o resultado econômico da imigração que, sem dúvida, cria e recria valor tanto para os países de destino como para os de origem.

Geny, em seu relato, nos dá informações preciosas sobre os trajetos de seus parentes, recuperação possível pela opção metodológica da História Oral de Vida, ferramenta necessária, epistemologia de conhecimento sobre esses sujeitos que na maioria das vezes guardaram em suas memórias um conjunto de acontecimentos ignorados pelas histórias documentadas por meio de organismos interessados nos registros dos processos econômico-políticos e não nas experiências vividas. Nos relatos dos descendentes de imigrantes japoneses da Universidade de São Paulo

¹SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp. 1998. p.12

² Malheiros, Jorge Macaísta (org). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI. 2007.p.11-37.

encontramos desconforto com os acontecimentos históricos do país, necessidades econômicas, possibilidades de novas funções intelectuais, busca de uma nova inserção missionária entre os motivos dos transados. Geny rememora o processo da modernização japonesa como um dos motivos da viagem de seu pai:

Tendo deixado a província de Kumamoto, o filho caçula de Toshihisa e Iki Kouyama, pertencera à última geração dos descendentes de samurais da estrutura social feudal, classe extinta da sociedade japonesa com a Restauração da era Meiji, em 1868. Ao perder seus privilégios começou a trabalhar com alguns conhecidos, na publicação de um jornal provinciano, sem resultado. Tentou o comércio vendendo ervas medicinais chinesas e abriu uma pensão, que não conseguiu levar adiante. Com as finanças e a saúde bastante abaladas, se sujeitou a trabalhar como funcionário público, mas na realidade, ele foi um dos que não se adaptou às transformações dessa nova sociedade e resolveu imigrar junto com as demais famílias, que por diferentes motivos, deixavam seu país de origem em busca de alternativas para o vivido que se tornara insuportável.

Evidentemente, o fluxo emigratório aberto no Japão representou para ele uma alternativa de romper com a quebra de seu modo de vida e dos valores que foram se perdendo na nova conjuntura de meados do século XIX no Japão. Assim, se o desenvolvimento da economia capitalista era a razão da desconstrução da base social desse jovem, foi por necessidade dessa forma econômica de se firmar, que ele pode imigrar. O estímulo aos deslocamentos populacionais, necessários ao capital pode ser constatado pelos empreendimentos realizados para seduzir e atrair imigrantes. Em nenhum dos processos em que os sujeitos deixam seu país de origem em busca de trabalho, a iniciativa partiu dos indivíduos imigrantes. Sassia Sasken, em *The Global City*³, afirma ser o capital o imigrante que arrasta as pessoas, suas prisioneiras devido ao mercado de trabalho. Portanto, outro problema a ser considerado na imigração é o da sua importância no mercado de trabalho local e para a economia brasileira e japonesa. Havia naquele momento um conjunto de interesses econômicos e culturais que a vinda dos súditos do imperador atraíam, como a inserção na estrutura da produção do café, novas possibilidades produtivas para abastecer essa comunidade de destino com hábitos tão diversificados, a produção de bens e serviços destinados aos valores simbólicos. Criar centros de reunião e convivência, igrejas e templos, objetos domésticos, ingredientes necessários aos rituais, assim como vestimentas, escolas e imprensa, compuseram um outro processo produtivo decorrente da própria imigração.

Evidentemente, o resultado econômico do trabalho desses imigrantes significou acumulação de valores para os dois países. Nessa perspectiva o grupo de imigrantes foi também diversificado em diferentes classes sociais e frações das classes médias e da própria burguesia japonesa nascente. Em decorrência do crescimento da economia, os fluxos se estimularam e novos contingentes foram sendo gerados entre as primeiras e terceiras gerações, provocando casamentos mistos, reagrupamentos familiares e novas relações sócio-culturais. Dessa forma, é importante também destacar as imagens recíprocas, positivas e negativas dos grupos, verificando-se as afetividades, as cooperações e as tensões, estereótipos e estigmas forjados nesses processos.

³ SASSEN, Saskia. *Global City*. I.E. Princeton, 2001

Deslocar-se de um lugar ao outro supõe sempre uma decisão que envolve muitos sacrifícios, quase sempre desconsiderados pela memória que precisa reconstruir sentidos e significados para um novo vivido. Na rememoração, escolhe-se aquilo que marcou a vivência de cada um, mas é muito forte o tempo da infância, das relações familiares, dos medos e incompreensões, e especialmente para aqueles que eram velhos, as saudades e os estranhamentos do novo lugar⁴. Perdas quase sempre irrecuperáveis, deslocamentos, estranhamentos e saudades que, aos poucos, vão sendo acomodadas nos compartimentos da cultura material e imaterial daqueles que rememoram. Fragmentos em objetos, imagens, pequenas narrativas antropofagicamente deglutidas, em acomodações produzidas por simbioses de cheiros, gostos e ritos incorporados em espaços desconhecidos.

A chegada dos imigrantes japoneses em São Paulo não foi diferente. Daqueles descendentes que compõem o conjunto de professores da Universidade de São Paulo, é possível encontrar desde os que vieram no *Kassato-Maru* em 1908 até os últimos chegados já nos idos da década de 1960, no século XX. Foram muitos os momentos e as conjunturas dos deslocamentos do Japão para o Brasil. Os que migraram entre 1908 e 1930 inseriram-se na vida rural brasileira como colonos para a cafeicultura. Desconhecendo a língua e os costumes, uniram-se em um movimento de auto defesa para manterem os elos identitários. Procuraram produzir nos interstícios dos corredores dos cafezais o cultivo de hortaliças, a criação de galinhas para completar a dieta diária. Acostumaram-se ao arroz com feijão e experimentaram miúdos de porco da feijoada, alimento dos antigos escravos já consumidos pelos imigrantes italianos. Juntamente com esses imigrantes, os japoneses passaram a conhecer os ritos católicos, as festas religiosas, as cantorias e o falar alto dos que vieram do Veneto ou do sul da península itálica. Oriente e ocidente cruzando-se no país continente da América do Sul. Sofreram dois impactos devido às alterações políticas do período entre guerras: a exacerbação dos nacionalismos e o impedimento à livre organização dos estrangeiros no uso da língua e na organização de escolas⁵.

Os que vieram entre 1940 e 1950 agrupados em trabalhadores rurais que foram ganhando autonomia com a produção de hortigranjeiros, muitos em um sistema cooperativado criado para a proteção dos produtores e, intelectuais ou técnicos especializados, para a vida urbano-industrial que se expandia. Inovaram no manejo da produção de legumes e frutas, com as primeiras experiências de hibridação, e criaram veículos de imprensa em japonês para garantir aos imigrantes informações sobre o Japão, a política mundial, o Brasil e, para deixar as novas gerações alguma literatura que estimulasse a manutenção da língua dos ancestrais. Outros trabalharam em fábricas como técnicos, montaram pequenas oficinas, carvoarias, alfaiatarias e tinturarias (nome das casas de lavar e passar roupas). Depois, o processo de imigração foi se tornando cada vez mais individual, fruto de curiosidades, espírito de aventura ou atraídos por parentes e amigos.

Os meus pais vieram do Japão em 1938, por convocação do Ministério de Relações Exteriores do Japão, que pediu que meu pai instalasse diversos equipamentos médicos no antigo

⁴BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. Ver ainda: Thompson, Paul. *A Voz do Passado. História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 388 p

⁵ IOKOI, Z.M.G. *Intolerância e Resistência: A saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil*. (1935/1985). São Paulo/Itajaíumanitas/Univali.2002.

hospital japonês de São Paulo. Nessa época, o hospital japonês de São Paulo, o Santa Cruz, estava sendo aberto e meu pai foi encarregado de fazer a instalação de equipamentos médicos, como por exemplo o equipamento de raio-x, que na época era uma grande novidade aqui no Brasil, relata Eitaru Yamane.

Ninguém sai do país em que nasceu porque acha que vai encontrar vida fácil ou algo parecido, mas com o sonho de trabalhar, enriquecer e em dez anos voltar, afirmou Kokey Uehara. Embarcado sem os pais, compondo com parentes uma nova estrutura familiar arranjada, uma vez que o apoio do governo era para a imigração das famílias inteiras, Kokey, com quase dez anos, por pouco não pulou do navio ao ver os pais que abanavam lenços de despedidas, acompanhando pelo cais do porto o deslocamento do navio. Foi a última vez que os viu e esta imagem o acompanhou e acompanha ainda hoje.

Mas, nem todas as memórias portam a dor da perda, muitas apresentam ganhos que, na perspectiva de uma criança como Emyko Egry, mostra esperanças e um certo encantamento por aquilo que seria encontrado ou descoberto:

Quando o meu pai arrumou trabalho no Brasil e me disse que iríamos imigrar, eu falei que não iria, pois eu não conhecia e nem sabia onde era esse país. Mas, ele insistiu que todos nós iríamos enquanto eu retrucava que não e que ficaria por ali mesmo. Isto era uma coisa marcante e inédita, mas eles davam liberdade para eu falar nesse tom, coisa que numa família oriental era proibido, ainda mais nos idos de 1956. Uma mulher jamais falaria isso, principalmente uma caçula. Mas, ele me convenceu! Como éramos muito pobres e a banana era uma fruta muito cara, meu pai trazia uma banana no aniversário de cada um dos filhos e cortava em três partes, para cada um dos filhos apreciar. Aquilo, para mim, era a coisa mais gostosa que existia na face da terra. (...). Então ele disse que no Brasil eu poderia comer quantas bananas eu quisesse e não apenas um terço que eu comia somente no aniversário.

Para os que imigraram ainda pequenos, o tempo da infância é rememorado com muitos detalhes uma vez que as diferenças entre um viver e o novo lugar fincaram fundo na memória as surpresas da viagem, as incertezas do vir a ser e finalmente o encantamento pelo novo que se pode desfrutar no lugar de chegada.

Mas, ser imigrante é também viver no exílio, uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: é ter uma tristeza essencial que jamais pode ser superada. Essa condição presente no imaginário dos que migraram aparece exatamente invertida nos descendentes, que se utilizam das experiências dos que partiram, para compor um novo sentido ao vivido, que se apresenta diversificado e com outra racionalidade no sentido da acomodação ao novo campo cultural. O lugar de chegada, exótico em um primeiro momento vai garantindo ganhos capazes de compensar as perdas, especialmente quando os imigrantes são crianças. Muitos rememoram as dádivas da natureza: praias, frutas, grandes espaços como conquistas importantes. Outros relembram silêncios, introspecção, gestos comedidos, leveza no andar, discrição no falar e respeito às hierarquias e aos papéis de cada um nas origens, e seus

estranhamentos frente aos costumes dos moradores dos locais de chegada⁶. Viver duas culturas supõe escolhas, mas também um certo modo de unir o antes e o depois⁷. Para Amando Ito essa história é cheia de possibilidades.

Minha mãe veio muito criança com meus avós, que resolveram emigrar, vieram de Hokkaido, no norte do Japão, um lugar frio, muito frio. Eles acabaram indo para Registro, no Vale do Ribeira, um lugar quente demais. Meu avô e a minha avó vieram com seis filhos, cinco mulheres e um homem. Eles trouxeram na bagagem algumas mudas de chá e foram para Registro, uma região que depois se tornou grande produtora de chá no Brasil. Foram pioneiros nessa produção. Minha mãe cresceu em Registro no ambiente dos imigrantes japoneses. Existia uma comunidade, acho que uns cem imigrantes japoneses que se dedicavam à agricultura e ao comércio principalmente. Ela cresceu no meio daquela comunidade falando muito pouco português. Na escola que freqüentava aprendeu os princípios básicos da língua e do ponto de vista formal não passou do primário. Mas conseguiu dominar a língua e um pouco da escrita.

Duas classes sociais, dois mundos e um destino que junta os amores perdidos em um reencontro possível. Esse viver experiências diversificadas fez com que a trajetória de Amando Ito fosse sempre aberta às trocas interculturais que resultou em um casamento misto e uma aproximação com o mundo das artes nos vários ramos dessa família composta por quatro gerações de imigrantes. Se a mãe teve dificuldades na incorporação da escolaridade formal, seu pai, ao contrário imigrou com o curso superior completo. Ele prossegue sua narrativa:

O meu pai tem uma história completamente diferente porque ele tinha trinta anos, havia feito a Universidade de Tóquio, era professor e estava ligado aos padres católicos lá do Japão. Católico no Japão era uma minoria, quando resolveu vir para o Brasil como imigrante, deixando lá os irmãos. Como ele não tinha nem pai nem mãe, ele ficou órfão com menos de dez anos e podia sair sem problemas. Formou-se no Japão e veio em 1930, trabalhar ensinando japonês para os imigrantes e filhos de imigrantes que cresceram aqui.. Minha mãe e meu pai acabaram se cruzando em Registro, mas a minha mãe já tinha um compromisso que seus pais haviam firmado, de se casar com uma outra pessoa. Havia um casamento acertado e de fato ela se casou com essa outra pessoa. Meu pai também se casou, saiu de Registro e foi para outro município, no Estado de São Paulo, para a região de Penápolis, onde existem duas grandes famílias que por tradição são católicas, os Hirata e os Aoki. E o meu pai acabou se casando com uma senhora da família Hirata. Depois de alguns anos minha mãe tinha três filhas, meu pai duas filhas, ele ficou viúvo em Penápolis e ela ficou viúva em Registro. Amigos falaram para minha mãe: “Parece que Ito-san está vindo para cá...” Eles se reencontraram e finalmente realizaram o casamento que havia sido impossível anos atrás. Eu nasci deste casamento. Depois

⁶ CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. *História da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.; Koichi Matsuda - WASHI - O Papel Artesanal Japonês. Aliança Cultural Brasil-Japão, 1994; SUZUKI, T. "Produção acadêmica sobre a imigração e a cultura japonesa no Brasil". São Paulo: Agência Estado, 1992.

⁷SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp. 1998.

nasceu mais uma irmã. Hoje eu tenho seis irmãs, cinco meio-irmãs e uma irmã inteira. A família sempre se encontra se reúne apesar do fato de três das minhas meio-irmãs não terem nenhum parentesco com as outras duas. As festas de família reúnem trinta, quarenta pessoas. Essa é a nossa família. Meu pai e minha mãe já faleceram. Mas nós estamos aqui.

Muitos relatos atestaram um ponto em comum. Os que chegaram na área rural puderam se integrar sem muita complicação, pois foram inseridos numa cultura caipira em São Paulo. Caipira conforme definiu Antonio Candido⁸. Fala arrastada, convívio com os vizinhos, solidariedades simples, trocas culturais. Fizeram muito esforço para manter a língua e os costumes organizando escolas, trocando ritos religiosos, festejando com os seus. Mas, ao mesmo tempo, inseriram novos nomes, integraram-se em escolas públicas, aderiram ao rito religioso dominante e tornaram-se camaradas nas colônias agrícolas da cafeicultura e até mesmo criaram colônias próprias.

Valdomiro Shiguero Miyada que em 1970 terminou o colegial afirmou: *um fato talvez tenha me marcado muito é que nesse ano, meu pai separou a sociedade do sítio que tinha com o nosso tio e nós tivemos uma série de problemas relacionados às finanças. Eu até propus nessa época, eu tinha dezoito anos, que eu continuasse trabalhando com meus pais no sítio para poder fazer com que os meus irmãos continuassem seus estudos. Meu pai discordou completamente e, acho que foi a grande sorte que tive realmente de não ter abandonado os estudos, a força de vontade do meu pai, na época foi decisiva.*

Poucos dos que compõem essa pequena amostragem dos professores da Universidade de São Paulo, escolhidos para narrarem suas histórias de vida, se integraram em casamentos mistos, mas os que o fizeram consideraram que juntar é bom, mas melhor é misturar...Nesse grupo podemos destacar Emiko Egry que se casou com um Suíço, Itiro Suzuki, Amando Ito e Yassuhito Okay com descendentes de italianos. A cultura cosmopolita da cidade de São Paulo, ela mesma fruto do mosaico de povos que compôs o cenário urbano da metrópole paulistana, a presença do ensino laico, da escola pública com o ensino vocacional permitiu a vivência da cultura nas trocas que cada um do grupo pode fazer enriquecendo mutuamente os campos simbólicos e o grande *boom* das artes, nos campos da literatura, do teatro, do cinema, das artes plásticas e da arquitetura influenciavam um viver aberto, integrado no diverso, dessa geração que pode aproveitar a abertura política da década de 1960 e a euforia da recuperação econômica do desenvolvimentismo. Democracia, modernização e desenvolvimento fizeram com que esses imigrantes e seus descendentes fossem estimulados a um pensar aberto e que os levou em última instância à vida universitária. Mas também, as leituras das obras literárias infantis e juvenis da cultura japonesa, o interesse pelas cerimônias do chá, pelo modo de organizar as flores, o ikebana, o teatro Nô, o Kabuki e o Kiogen estiveram presentes no cotidiano dessas famílias. Muitos, ao compararem o presente com o passado afirmam que num certo momento a aceitação da culinária japonesa tão diferente da ocidental, não era nada fácil. Evidentemente, hoje há uma compreensão das vantagens de se alimentar com ingredientes pouco gordurosos, evitar as frituras

⁸ *A cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso; a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social que a alteração destes provoca derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos nela uma continuidade, uma sobrevivência das formas essenciais, sob transformações de superfície que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada – e o caipira deixou de o ser.* CÂNDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*, Rio Claro.1987, pp. 82/83.

e equilibrar os temperos, parte do modo de vida politicamente correto, se impôs para um certo grupo social ocidental. Mas, sejam quais forem os motivos, a adesão significa um certo manejo entre tradição e modernidade, ingredientes fundamentais para o equilíbrio e a tolerância tão necessários no mundo contemporâneo.

No campo da política os debates, meetings e comícios promoviam disputas entre os vários grupos. A euforia do moderno e da industrialização acelerada abria espaço para se imaginar utopias libertárias ou processos sociais dirigidos pelos intelectuais para o povo. Evidentemente, essa efervescência não deixava lugar para se imaginar as reações do velho sistema patriarcal, do conservadorismo e da subordinação da classe operária. Os relatos destacam como essa agitação no mundo das idéias e na construção das decisões individuais foi motivada no seio das escolas públicas onde ensinavam os grandes intelectuais que pensavam o Brasil. Sedi Hirano rememora o período:

Quando eu estava entre o primeiro e o segundo ano o meu pai faleceu. Depois desse triste episódio, eu tive que trabalhar na Avenida Liberdade, número 21, no 13º andar em uma empresa chamada Micropropaganda, como office-boy. Sempre com aquele sonho de fazer alguma coisa diferenciada. Sempre lendo, comprando livro e assim por diante. Era sócio do Circulo do Livro. O livro do Circulo do Livro era muito barato, editavam muito boa literatura. Mesmo depois de terminado o curso ginasial, eu terminei o ginasial com uma nota boa porque quem terminasse com uma nota boa poderia concorrer a uma vaga no colégio Roosevelt que era um colégio tradicional de primeira linha. Então fui classificado para ser aluno do colégio Roosevelt. Nesse Colégio eu tive outros professores, aí o pessoal já lia não só o Caio Prado, mas o Celso Furtado. Tinha um professor de filosofia, João Villa Lobos, que foi um grande professor, indicava livros em francês!

Percebe-se assim, um certo modo de viver o conhecimento, de experimentar as possibilidades, da cultura e da política, rompendo com o tradicionalismo oligárquico e, sendo os jovens, desde muito cedo inseridos no debate público, um grande encontro de gerações incorporava os imigrantes das diferentes raízes no novo modo de pensar. Os estereótipos da submissão, da disciplina, da obediência não se sustentam na análise dos relatos dos professores nikkeis da Universidade de São Paulo, todos eles, de certo modo, valorizaram aspectos significativos da cultura de origens de seus familiares, mas absorveram os movimentos radicais da década que revolucionou o mundo.

Várias são as dimensões dessa interculturalidade: as relações de gênero foram percebidas como espaços de troca e de afetividade como disse Okay ao questionar o modo de ser de seus pais: *percebi que o fato de meu pai andar alguns passos a frente de minha mãe e de não abraçar como os ocidentais, não era falta de carinho. Quando me casei, minha mãe nos visitava e sempre deixava algo gostoso na geladeira para que encontrássemos ao chegar do trabalho.* Era uma forma diferente de demonstrar amor, mas tão importante se vista em sua singularidade.

A obstinação ao realizar uma certa tarefa ou mesmo valorizar o empenho dos pais no desenvolvimento das habilidades dos filhos, na valorização do conhecimento, no apoio aos membros da família. Em todos pudemos perceber como o trabalho coletivo, o espírito associativo e a solidariedade grupal foi uma âncora a se agarrar na sociedade de destino tão

diferente nos hábitos das de origem. De certa forma, reconhecem que a marca distintiva da manutenção da língua japonesa e dos alimentos serviu de elo de ligação entre o presente e o passado. Vários afirmaram que quando foram ao Japão, muitos anos depois, perceberam que falavam uma língua antiga. As formas de comer, vestir e mesmo falar e escrever cristalizadas na educação paterna, folclorizaram a cultura anterior mas mantiveram elos de pertencimento e valorização das origens.

Para este grupo a inserção na Universidade foi um ganho e um compromisso com os que imigraram. Desvendar o mundo da ciência, construir redes, inventar máquinas e procedimentos, alterar a genética de plantas, legumes e flores, criar estruturas, escrever obras literárias, estudar o teatro, a música e pintar são contribuições importantes no fazer universitário que qualificou esses imigrantes e seus descendentes. Também cuidar, curar e educar são partes significativas da inserção desse grupo discreto e eficaz na vida universitária.

Majoritariamente os japoneses combinaram escola da colônia com ensino público. As narrativas são unânimes em rememorar um período de ouro na educação pública em São Paulo. Escolas em diferentes regiões da cidade ou do Estado foram indicadas pelo rigor, liderança intelectual dos professores, respeito às diferenças e estímulo às experiências e à curiosidade intelectual e científica. Dos mais de 450 nikkeis docentes na Universidade de São Paulo, 30 foram selecionados para narrarem suas histórias de vida, sendo dez de cada grande área do conhecimento. Viver na Universidade foi uma escolha em defesa da missão – produzir conhecimentos novos – contribuir com o desenvolvimento do país que os acolheu. Evidentemente, esse grupo pode ser considerado vitorioso, uma vez que diferentemente dos seus pais, tornaram-se médicos, enfermeiras, engenheiros, cientistas, professores, arquitetos, artistas plásticos, literatos, agrônomos, matemáticos, advogados, juristas.

Eles sabem que viveram um tempo de otimismo decorrente do *boom* industrial pós Segunda Guerra. Eles não desconhecem que muitos dos descendentes de japoneses não puderam se beneficiar dessa conjuntura e refletem criticamente sobre as comemorações do centenário ao destacar o fenômeno dos retornados. Inicialmente como *dekassekis*, ou seja, temporários, mas lentamente transformados em imigrantes que foram permanecendo no Japão.

Devolvemos aos narradores o direito à palavra não sem antes agradecer a generosa confiança em nos abrir suas histórias, sensibilidades e críticas ao viver em fronteiras. Os fragmentos aqui apresentados não representam as histórias completas que podem ser recuperadas no portal www.rumootolerancia.fflch.usp.br.

1) Amando Ito

Concluído o doutorado em Física do estado sólido, eu fui fazer um pós-doutorado na Itália - isso já era 1982 - com um biofísico italiano e, ao retornar desse pós-doutorado, continuei a minha atividade de pesquisa já como responsável por uma área de biofísica dentro do Instituto de Física. Iniciei uma atividade de criação, montagem, instalação do grupo de pesquisa em Biofísica. Quando eu voltei do pós-doutorado feito na Universidade de Parma eu era um docente contratado, já tinha sido efetivado e existiam mais duas ou três colegas que trabalhavam na área de Física aplicada à Medicina. Então, nós formamos um grupo de Biofísica ou Física Médica que

atraia muito interesse de alunos de pós-graduação em uma área da Física Aplicada. Era uma opção para os estudantes que se formavam no instituto e esse grupo foi se firmando, foram sendo contratadas outras pessoas que participavam do grupo, que tinham interesse em uma atividade ligada à contribuição que a Física poderia dar para a área biológica ou a Medicina. Era um campo de muita interação com a área de Biologia, com a área da Bioquímica, com a área da Medicina e aos poucos o grupo foi se consolidando dentro do Instituto. Foi lá que eu acabei fazendo a livre-docência e nessa altura o grupo já estava consolidado. A minha preocupação maior era mostrar a importância dessa área. Eu coordenei também o grupo de Biofísica em alguns dos encontros e posso dizer que participei do processo de consolidação dessa área dentro do país. Ela teve início com alguns físicos que começaram a trabalhar em problemas biológicos nas décadas de 1950 e 60 e, no final da década de 1980, nós já constituíamos um grupo considerável de pesquisadores em muitas instituições no país. No ano 2000, foi aberto um concurso para professor titular no Departamento de Física e Matemática da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências de Ribeirão Preto. Nessa época, estava começando a ser implantado um Curso de Física Médica em Ribeirão Preto. Eu fui fazer esse concurso, porque achava importante que existissem os cursos de Física aplicada à Medicina, de Física Médica e, ali, naquele departamento, definiu-se uma linha de atuação que era muito afim com aquilo que eu fazia no Instituto de Física em São Paulo. Então, eu fiz o concurso, fui aprovado e me transferi como professor titular para o Departamento de Física e Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

2) Ana Maria Kazue Miyadahira

Meu avô e minha avó tiveram muita dificuldade. Minha avó inclusive fez aqui no Brasil trabalho na lavoura, mas também foi parteira, porque antigamente o pessoal não tinha recursos para auxiliar no trabalho de parto. Como minha avó havia ajudado no Japão algumas pessoas, ela se sentiu com conhecimentos suficientes para prosseguir nessa atividade. Diziam que ela era muito pequeninha, baixinha, magrinha, mas na colheita do café ela era quem conseguia colher com mais habilidade, com mais agilidade e mesmo pequeninha ajudava pessoas enormes, pessoas ocidentais que tinham uma estrutura física maior nos trabalhos de parto. Ela conseguia, mesmo com o seu tamanho estar ajudando. Isso para ela foi uma porta de entrada, alguém oriental que realmente ajudava as pessoas daquela região de onde ela morou. Quanto à minha formação profissional, alguns fatos como esse foram relevantes para a decisão de cursar Enfermagem na EEUSP. Ao fazer o curso de enfermagem à revelia de meus pais, porque não era o curso que eles queriam, negaram-se, irredutivelmente, até a participar das solenidades de minha formatura. Decorridos muitos anos, fatos relevantes ocorreram e facilitaram a almejada conciliação com meus sentimentos, que persistiam recônditos, secretos. Várias celebrações deram oportunidades ao extravasamento de minha intimidade a esse respeito, um alívio para um Ego ferido. Hoje eu entendo porque meus pais agiram daquela maneira. Conforme a concepção do Psiquiatra Dr. Içami Tiba, a nossa geração é como sanduíche: de um lado somos cobrados incessantemente pelos nossos pais para compensar o esforço que fizeram para que estudássemos. De outro lado, nossos filhos exigem sempre o melhor possível, de acordo com as demandas criadas pelo ambiente em que são inseridos. Coerente com essa definição, eu imagino que, como meus pais não tiveram oportunidade de estudar, quando seus compadres os persuadiram de que eu deveria ser médica, isso se tornou obrigatório. Entretanto, não tinham a mínima ciência do que significava tal compromisso. A consequência foi a geração de resistência em aceitar que eu cursasse a Enfermagem. Diziam eles a meus pais:

“Não, mas como você vai deixar a sua filha estudar em uma escola que só tem mulheres e sei lá eu quem é que estuda lá?”.

3) Cinthia Itiki

Do lado materno a minha mãe nasceu em Hiroshima em 1933, mas cresceu em Tóquio porque meu avô foi transferido para lá por causa do emprego. Ela fez o ensino elementar em Tóquio, e então, com o início da Segunda Guerra Mundial o meu avô teve uma posição muito firme. Ele achava que as cidades eram alvo de bombardeio. Portanto, ele mandou minha mãe e meus tios de volta para a cidade onde eles nasceram, na realidade não era a cidade de Hiroshima, ficavam mais no interior. Mas eles foram para lá e o meu avô e a minha avó continuaram em Tóquio.

Eu contei brevemente que a minha mãe e os meus tios se mudaram de Tóquio para o interior próximo a Hiroshima, e a minha mãe conta que ela passou após a bomba atômica em Hiroshima e viu toda a destruição. Eu mesma, quando fui para a cidade de Hiroshima, fiquei muito tocada pelas imagens, pelos museus. Isso me impactou bastante. E eu consegui fazer uma conexão com uma história que minha mãe contava. Fiz o curso de Engenharia Eletrônica com especialização em Sistemas Digitais, comecei a fazer a iniciação científica e comecei a me interessar pela atividade acadêmica. Houve a possibilidade de fazer mestrado e decidi, então, continuar nessa área. Portanto, o meu mestrado é em Sistemas Eletrônicos, mas o meu trabalho de mestrado é na área de Engenharia Biomédica e na área de Processamento de Sinais Eletromiográficos. Posteriormente, eu tive a oportunidade de ir para os Estados Unidos, onde eu fiz o meu doutorado em Engenharia Biomédica com o professor Robert Kalaba, um grande matemático. Ainda no curso de mestrado, eu fui contratada pela USP, pois na época as contratações eram feitas independentemente do título de doutor. Mas após o doutorado, retornei para a Universidade de São Paulo e continuei trabalhando nas áreas que eu lecionava.

4) Décio Kadota

A parte paterna da minha família imigrou da região de Hiroshima para o Brasil em 1926. Foram sete pessoas: o meu bisavô e mais três filhos homens. Um deles, que é o meu avô, foi casado e teve três filhos, dando um total de sete pessoas. Cinco anos após a chegada deles ao Brasil veio o resto da minha família que era a minha bisavó e a filha do meu bisavô. Eles trabalharam na fazenda de café na região de Marília até o início da década de 1950.

A parte materna veio de uma região perto de Tóquio. Eles vieram um ano antes, em 1925, e o conjunto familiar era de cinco pessoas. Vieram meu avô, avó e três filhos, dois filhos homens e uma mulher que era a minha mãe. Nessa época, ela estava com três anos. Eles vieram também para a atividade de lavoura e se estabeleceram na região de Ribeirão Preto. O histórico de como os meus pais se conheceram eu não consegui, mas eles se casaram em 1948 e tiveram três filhos. Na verdade, nós somos um total de cinco filhos, mas na época em que eles se mudaram da região de Marília para o norte do Paraná – foi exatamente em 1953, eu estava com um ano de idade – na nova fronteira agrícola que estava abrindo. Nos estabelecemos em Cruzeiro do Oeste. Eu acabei

me formando em Economia, na verdade meio que por acidente. Naquela época eu morava no interior, começando o colegial no interior do Paraná e nem sabia o que era um curso de Economia. Para mim, na verdade, referência básica era Medicina ou Engenharia. Como eu não tinha nenhum dom para essa área médica, eu considerava que iria fazer engenharia. Eu fiz o curso colegial pensando especificamente em ir para a Engenharia e, na época, quando eu estava terminando o colegial, uns colegas falaram: “Vamos fazer o vestibular na área de humanas.”, que na época era o CESCEA, “para a gente treinar.”. Isso porque estávamos assumindo que teríamos que fazer um ano de cursinho depois de terminado o colegial, para podermos nos preparar para o vestibular. E, de fato, este já era muito concorrido, pelo menos para entrar na Engenharia da USP. Acabei entrando e fazendo o curso de Economia na USP e fui me informar do que se tratava a nova carreira. Na verdade, eu entrei no curso básico achando que iria fazer Administração. Ao longo do primeiro ano básico é que eu acabei mudando e fui fazer Economia. Felizmente e não me arrependo. Adoro Economia e acho que exatamente por isso que eu continuei estudando. Resolvi fazer pós-graduação, encarar a carreira docente, de pesquisa, que é o que estou fazendo até hoje. Eu vou falar um pouquinho do que eu faço. A área de Economia é uma atividade relativamente extensa. Eu trabalhei durante algum tempo na área que eles chamam de finanças públicas. Basicamente são estudos ligados à questão da tributação dos governos, a forma como eles gastam, etc. São os assuntos correlatos com essa temática.

5) Eitaro Yamane

Os meus pais vieram do Japão em 1938, por convocação do Ministério de Relações Exteriores do Japão, que pediu que meu pai instalasse diversos equipamentos médicos no antigo hospital japonês de São Paulo. Nessa época, o hospital japonês de São Paulo, o Santa Cruz, estava sendo aberto e meu pai foi encarregado de fazer a instalação de equipamentos médicos, como por exemplo o equipamento de raio-x, que na época era uma grande novidade aqui no Brasil; Minha mãe já casada com ele, o acompanhou nessa viagem do Japão para o Brasil, e logo após a chegada deles eu nasci na cidade de São Paulo. Desde aquela época eu moro na Vila Mariana, que é a região onde está instalado o hospital. Os meus pais residiam na época da vinda deles, em Tóquio, mas o meu pai é originário da província de Fukui, junto ao mar do Japão, e minha mãe é de Tóquio. Não temos nenhuma queixa aqui no Brasil, apenas eles disseram que na viagem de vinda, em alguns portos eles já tinham dificuldade de desembarque para visita às

idades, pois a guerra havia se iniciado no oriente. Não me lembro sobre a proibição do uso da língua japonesa no Brasil pois nessa época eu era muito pequeno, tanto é que em casa se falava o japonês. Eu não frequentei uma escola japonesa, eu entrei no jardim da infância numa escola francesa, Liceu Pasteur onde fiz o primário e depois eu me transferi para o ginásio do estado. Fiz o ginásio no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, instalado lá no parque Dom Pedro II. Meu contato com a cultura japonesa era restrito a cultura que eu tinha com os meus pais, porque fora, como não frequentei escola japonesa, quer dizer, eu não tinha acesso a cultura japonesa, então era só esse contato que eu tinha. As pesquisas em que atuo estão relacionadas ao campo da energia, mais especificamente ao campo da engenharia que poderíamos chamar de Engenharia Térmica. Isso significa o estudo da conversão de calor em outras formas de energia. Foi sempre a essa área que eu me dediquei e, particularmente, à área que chamamos de Termodinâmica e Transferência de Calor. Depois desse meu estágio lá no Japão, quando eu já era docente aqui da USP, eu obtive uma bolsa do governo japonês para fazer pesquisa na Universidade de Tóquio. Lá eu fiz a parte experimental da minha tese de doutoramento e, naturalmente, nessa tese eu complementei com análise teórica os dados experimentais. Foi lá também que fiz a pesquisa para a elaboração da tese de livre-docência, que era exigido na época. É uma pesquisa sobre o que nós chamamos de transferência de calor em fluidos supercríticos que, por estarem submetidos a alta pressão, passam a apresentar um comportamento diferente dos fluidos submetidos a pressões baixas. Isto é importante porque para se obter centrais termoelétricas de alto rendimento, ou seja, de alta eficiência, deve-se trabalhar com elevada pressão do fluido no ciclo de Rankine, que é o ciclo que nós temos numa central termoelétrica. Também participo de uma associação chamada Associação dos Bolsistas do Governo Japonês, que é uma associação que congrega antigos bolsistas do governo japonês, ou seja, do Ministério de Educação do Japão.

6) Emiko Yoshikawa Egry

Meus pais tinham a mesma escolaridade: eram técnicos em contabilidade. Antes da guerra, eles tinham um pequeno comércio em Java, onde o meu irmão mais velho nasceu. Eu e o meu irmão Makoto nascemos no Japão logo depois que terminou a guerra. Meu pai voltou vivo, foi um dos poucos sobreviventes da 2ª guerra. Com o Japão em ruínas e sem emprego nenhum, meu pai foi convidado para vir ao Brasil, porque uma empresa japonesa de papelão ondulado iria abrir uma filial em São Bernardo do Campo. ... Depois do meu ingresso na Universidade de São

Paulo, trabalhei em um colégio técnico de enfermagem em Jundiaí. Um pequeno tempo fiquei em um hospital infantil, na FAISA de Santo André. Quando em 1º de maio de 1973 ingressei como auxiliar de ensino da Escola de Enfermagem da USP, fazendo outra vez estudos dentro da Universidade fiz mestrado na Escola de Enfermagem e Doutorado na Faculdade de Saúde Pública e livre docência no meu departamento, o então recentemente criado Departamento de Saúde Coletiva. Fui também titular no meu departamento. Todinha a minha carreira devo ao Estado de São Paulo. Na Universidade de São Paulo e na Escola de Enfermagem eu já exerci de tudo: auxiliar de ensino, professor assistente, assistente de doutor, estágio de campo com alunos da graduação. Fiquei muito contente este ano, pois me colocaram de volta como auxiliar de docente no estágio curricular do 4º ano. Acho que essa é a minha praia, com alunos de graduação no campo mesmo. Da saúde, participei da atenção básica, do extra-internação, da saúde coletiva. Eu gosto também dos alunos de pós-graduação, dos pesquisadores em geral, pesquisadores de iniciação científica, mestrandos, doutorandos de especialização e para essas pessoas eu passo um pouquinho desse gosto de pesquisar, de produzir conhecimentos, sempre pensando que quem nos paga é o povo do Estado de São Paulo. Portanto, os nossos produtos têm que ser devolvidos e ter um bom uso dentro do território brasileiro.

7) Fumio Honma Ito

Meu pai é nascido em 1921 e aos três anos de idade, junto com o avô, emigrou-se para a Manchúria. Com a situação política e econômica, com a possibilidade de novas guerras, eles retornaram novamente para o Japão. Com seis anos de idade, já que eles não tinham mais nada no Japão, meu avô resolveu vir para o Brasil. Eles emigraram para Presidente Epitácio, isso há dezenas de décadas atrás e, segundo o meu pai contava era uma região rural. Depois compraram um sítio em Itapetininga e lá se fixaram. Foi uma das primeiras famílias a se fixar na região. Já a minha mãe veio da província de Yamagata com três anos de idade junto com a família do tio dela, porque na época, para uma família imigrar era exigido um número de pessoas e na época o meu tio não tinha esse número. Então ele chamou a minha mãe que era sua sobrinha para completar a exigência do governo japonês. Eles se fixaram na região de terra roxa. Entraram inicialmente na produção de café e, me contavam que era muito difícil a vida no cafezal, o patrão que não pagava, essas coisas assim. Meus tios se transferiram para Itapetininga e lá fizeram um casamento arranjado entre minha mãe e meu pai. Era muito difícil o casamento entre pessoas de províncias diferentes. A província de meu pai era mais para ao sul e a da minha mãe era mais a noroeste. O que me empurrou para a USP foi o destino porque peguei hepatite infecciosa e fiquei quatro meses sem poder trabalhar. O médico disse: “Você não pode trabalhar.” Ganhava dinheiro, mas então, por conta do INPS, o valor ficou reduzido e não tinha dinheiro nem para pagar o aluguel, contas, prestação de carro, etc. Quando eu voltei para a firma tinha serviço acumulado aos montes e os médicos disseram: “Não, você deve voltar devagar, você não deve

forçar porque o seu fígado ainda não está bom, está prejudicado pela doença.” Eu pensei bem e resolvi pedir demissão. Resolvi entrar na USP e comecei da estaca zero. Auxiliar de ensino. Tinha então um contrato de três anos e falaram assim: ”A sua obrigação agora é fazer o mestrado.” Fui para os Estados Unidos.” Na época eu namorava a minha atual esposa e ela estava morando lá em Ponta Grossa. Fui até lá e o meu futuro sogro falou para mim: “mas como? Você vai para a América do Norte? E a minha filha, como fica? Normalmente vocês vão lá e já voltam com outra. Uma americana, americaninhos.” “Não, não vai acontecer isso comigo não.” “Acho melhor casar antes de ir”, ele me disse. E assim aconteceu. Nós nos casamos uma semana antes de ir para os Estados Unidos. O casal ainda tinha que se ajustar muito chegando em uma terra desconhecida. Eu ficava na universidade o dia inteiro, a minha mulher ficava no apartamento. Quando eu terminei o doutorado eu passei a me envolver mais com um órgão do governo japonês chamado Agência de Cooperação Internacional do Japão, JICA. É um tipo de extensão do consulado japonês que atua aqui no Brasil e na época dava muita assistência aos imigrantes japoneses. Dava também auxílio à pesquisa, bolsas de estudo e tinha também auxílio às indústrias.

8) Geny Wakisaka

Sou a caçula dos sete irmãos. Nasci em 1926, na cidade de Bauru, quando o meu pai já publicava o Semanário de São Paulo, e, portanto, não tive experiência de vida na fazenda. Todos os meus irmãos cursaram o secundário, o normal ou o comercial na cidade de Bauru. Nessa época, meus pais priorizavam o ensino da língua portuguesa ou não tinham como ensinar o japonês para os seus filhos. No entanto, mesmo antes de ingressar no grupo escolar, havia uma professora, que me ensinava a ler o japonês. Não sei se ela dava aula para os meus irmãos. Cheguei a entrar na escola primária em Bauru, mas logo mudamos para São Paulo e aqui terminei o primário, no Grupo Escolar Campos Sales, o ginásio de cinco anos, (5ª série, que correspondia ao 1º colegial) no Colégio Paulistano e, concomitante, o primário em língua japonesa, na Escola Taishô, que funcionava na rua São Joaquim. Com o decreto federal de proibição das edições de jornais estrangeiros, meus estudos também foram interrompidos e comecei estudar só o japonês, numa escola de corte e costura (Michie Akama), que continuou ministrando aulas de língua japonesa, apesar das fiscalizações. Terminado o curso correspondente ao ginásio em japonês, fui convidada pela diretora e nela fiquei até o ano de 1950, dando aulas para os alunos do curso primário. Trabalhei um tempo na marcação dos letreiros em português, para os filmes japoneses, que eram exibidos nos cinemas do bairro da Liberdade. Entrei na Universidade de São Paulo em 1971, bacharel em 1976, fui instrutora voluntária desde 1973 até 1982, quando fui contratada em RDIDP. Como não havia Pós-Graduação no Curso de Japonês, doutorei em Letras, em 1987, defendendo tese pelo Curso de Pós em Teoria Literária e Literatura Comparada, cujo tema foi uma pesquisa sobre os poemas longos dos séculos VI ao VIII, inseridos na antologia poética Man'yôshû. O título da tese foi: “O mundo poético de Yoshino nas mutações dos chōka (poemas longos japoneses)”. Em 1992, com ajuda da Fundação Japão e da Aliança Cultural Brasil-Japão, publiquei esta tese pela editora Hucitec com algumas simplificações, cujo título ficou sendo: “Man'yôshû vereda do poema clássico japonês”. Fui diretora do Centro de Estudos Japoneses e ao mesmo tempo responsável pelo Curso de Língua e Literatura Japonesa da FFLCH-USP, entre 1987-1990. Aposentei-me pela Compulsória em 1996.

9) Gerson Aparecido Yukio Tomanari

Gostaria de começar contando a história da minha família, especialmente da parte que migrou do Japão para o Brasil. Eu sei muito pouco da história da minha família japonesa e eu gostaria de saber muito mais, estou pesquisando para saber mais a respeito. O pouco que eu sei é que o meu avô e a minha avó vieram ambos no mesmo navio, segundo consta, em 1919. Minha avó veio de Nagano e o meu avô veio de Kamamoto, mas não encontrei registros com os nomes deles no Museu da Imigração Japonesa. Eles tem dados muito precisos do navio, a data em que chegou, as famílias, como chegaram mas não consegui encontrar dados dos meus avós. O meu avô veio com um amigo. Ele era jovem e não podia vir sozinho, me informaram que não vinham membros isolados. Por isso ele veio anexo a uma outra família. A minha avó veio ainda criança com a família dela. Ela era pequena, uma criança, veio acompanhada de outras três irmãs e seus pais, os meus bisavós. Nesse mesmo navio em que veio o meu avô sozinho. Ele era adolescente, deixou a família no Japão e veio para o Brasil na companhia de um responsável, um amigo da família que o trouxe. Eles foram por coincidência, para uma cidade no interior de São Paulo chamada Tabatinga. Chegando em São Paulo, eles acabaram trabalhando inicialmente em cafezais e morando em colônias com outros japoneses. Meu pai conta que nessas colônias viviam a cultura japonesa entre si, ele foi alfabetizado em japonês até os doze, treze anos. Só então já pré-adolescente ele foi frequentar uma escola brasileira para aprender a língua portuguesa e conviver mais com a cultura ocidental. (...) Enquanto cursava graduação no Instituto de Psicologia, eu ainda morava em Itaquera e me deslocava todos os dias. Mas isso foi há muitos anos atrás, quando uma rotina como essa ainda era possível na cidade de São Paulo. Fiz isso durante praticamente toda a graduação. Quando comecei o mestrado, também no Instituto de Psicologia, acabei me mudando para o Parque Continental, ao lado da USP, onde moro até hoje. Nesse mesmo tempo, meus pais saíram de Itaquera e mudaram-se para Poá, cidade próxima a Suzano e Mogi da Cruzes, região ainda com alta predominância de comunidades orientais. Obtive o título de doutor em Psicologia no final de 1997. Meses depois, foi aberto um concurso para contratação de docente no Departamento de Psicologia Experimental. Candidatei-me, fui aprovado e iniciei as atividades em 1998. Nesses dez anos de docência na USP, coordeno o Laboratório de Análise Experimental do Comportamento, onde conduz investigações sobre processos básicos de aprendizagem.

10) Gisela Yuka Shimiza

O meu pai era uma pessoa que não conseguia se conter na cultura local, ele tinha um sonho muito maior do que permanecer naquela vida regrada, então, ele veio para cá com os pais dele e o irmão mais novo para montar uma fazenda que plantava arroz e criava cavalos. O negócio dele eram os cavalos. O meu avô materno estudou em Tóquio para ser pastor protestante e ele migrou por motivos sociais, ele queria prestar assistência social aos colonos que migraram para o norte do Paraná. Eles, de fato, quando vieram para cá, foram para o Norte do Paraná. A família do meu pai foi para o oeste de São Paulo, perto de Bastos. Ele saiu do oeste do estado por motivos de saúde, teve tuberculose em uma época em que não tinha antibiótico, assim ele veio se tratar em Campos de Jordão. Os meus avós e a minha mãe fugiram para São Paulo tentando escapar da

malária, principalmente, a minha mãe que tinha sete anos na época. Os meus dois avós tiveram malária. Meu pai estava trabalhando em São Paulo depois que se recuperou em Campos de Jordão. O casamento dos meus pais foi arranjado. Eles se casaram e tiveram cinco filhos. Eu sou a segunda. São três mulheres e depois dois homens. O meu pai, logo que se casou, foi morar com a família da minha mãe. Ele trabalhava na Cooperativa Agrícola de Cotia e trabalhou também em um consultório médico onde ele era radiologista na época em que não precisava fazer escola para isso. Depois que ele se casou com a minha mãe, ele fez um curso por correspondência de reparos de rádio e televisão da RCA-Victor, dos Estados Unidos. Por correspondência, ele teve o diploma tanto para rádio como para televisão e abriu uma oficina de conserto. Ele começou com rádio e televisão e terminou trabalhando mais com aparelho de som do que com imagem. Ele saiu do Japão e concluiu só o ensino médio. A minha mãe fez todo o estudo dela aqui e é formada em letras neo-latinas na USP. Ingressar na USP, para a minha família, era uma necessidade, porque não teria como cursar uma escola particular, pois eles não poderiam pagar. Era possível ajudar a pagar o cursinho e, se não entrasse na primeira tentativa, teria de trabalharia para tentar de novo. Esse era o esquema em casa. Todos nós ingressamos na USP na primeira tentativa e acho que, no meu caso, em particular, foi a formação que tive no colegial, pois não era uma adolescente disciplinada nem muito empenhada. Participei do movimento estudantil, mas não explicitamente, porque era muito complicado. As reuniões eram todas em lugares desconhecidos, as pessoas eram trazidas e fãmos e recebíamos as informações do que precisava fazer. Fui algumas vezes substituindo outras pessoas, mas, francamente, achava que estava perdida demais para poder tomar parte mais ativa. No fim, acabei me envolvendo por causa de relações pessoais com alguns colegas que, no fim, fizeram parte daquela turma que foi para o Chile, situação que foi extremamente tensa, porque as famílias dessas pessoas eram contra a atividade. Era difícil. Formei-me em 1972 e em seguida ingressei no mestrado. No final da graduação, já tinha interesse em trabalhar com Ecologia. O departamento em que atualmente trabalho não existia. É chamado de novo, mas existe desde 1978 e é o mais novo dos departamentos do Instituto de Biociências. Tinha interesse, mas não existia um curso de pós-graduação específico em Ecologia. Do meu currículo consta que sou mestre em Zoologia e doutora em Ciências, pois eram os títulos que existiam na época. Já no mestrado, comecei a trabalhar em limnologia, que é o estudo de águas continentais. Recebi uma incumbência do meu orientador de encontrar um indicador biológico dentro da comunidade de animais de sedimento

nos rios e lagos - na verdade, trabalhei em represa – porque a CETESB tinha necessidade de incluir um indicador biológico em suas avaliações.

11) Itiro Suzuki

Eu sou filho de pais japoneses que emigraram, ou seja, originários do Japão e o meu pai tem uma história um pouco diferente da maioria dos imigrantes. Ele veio para o Brasil ainda jovem, no início dos anos trinta, muito jovem, ele estava cursando o colegial lá no Japão. Bom, as histórias que os familiares contam aqui é que a opção de vir foi dele, ele que convenceu a família a emigrar para o Brasil. Chegando aqui, a família seguiu a trajetória habitual, que é se dirigir para alguma área de atividade agrícola no interior de São Paulo, mas meu pai, por uma opção, decidiu ficar em São Paulo procurando formas de completar sua formação secundária. Não sei por quais meios ele foi terminar esse curso secundário no Rio Grande do Sul. Depois, voltou para São Paulo onde resolveu seguir uma carreira universitária, fazer o curso superior. Então optou por fazer o curso superior em Direito. Ele ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, pelo que eu soube, pelo que consta, foi o primeiro imigrante japonês que se formou no Largo São Francisco. Isso, na década de 1930 que foi a época em que foi criada a Universidade de São Paulo. Se não me engano, em 1934. Uma oportunidade que ele teve, foi cursar Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Então concomitantemente, fez os dois cursos. Portanto ele teve graduação como bacharel em Direito e também formou-se em Ciências Sociais pela USP. Ele seguiu carreira como advogado. Foi advogado de um banco e depois de vários anos de formado, foi chamado a participar do então criado curso de línguas orientais na USP. E ele foi lá trabalhar. Como ele tinha formação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, retornou à Universidade e seguiu carreira docente na Faculdade, em Língua Japonesa. Eu estou contando isso para afirmar que em nenhum momento eu me inspirei nele para a escolha da profissão, nem ele me influenciou para fazer medicina. Quando eu comuniquei que iria fazer medicina ele encarou com naturalidade. Então, vou relatar uma passagem interessante que mostra um pouco da personalidade do meu pai. O ingresso em uma faculdade da USP, Poli, Medicina, Direito, qualquer uma das faculdades da USP, ainda mais nas carreiras clássicas, nas carreiras tradicionais era motivo de festa para qualquer família de imigrantes japoneses. Aquilo era um grande acontecimento nessas famílias. Obviamente, quando saiu o resultado e nós soubemos que eu tinha ingressado na faculdade, minha mãe e minha avó ficaram na maior alegria e o meu pai estava trabalhando. Eu me lembro que ele chegou a noite em casa, claro que ele já sabia que eu tinha entrado na faculdade e, muito característico da personalidade dele, ao invés de fazer aquela festa, ele virou para mim e falou: “Meus pêsames, você escolheu uma profissão muito difícil.” Evidentemente, um pouco diferente da maioria das famílias de origem japonesa, em que os familiares, os pioneiros tiveram que trabalhar, principalmente na lavoura, não tiveram oportunidade de ter uma proximidade com os meios culturais e tudo o mais. Eu já tive um pouco desse privilégio pelo meu pai, pela carreira que ele escolheu. Ele já tinham uma formação muito boa, então muita coisa é evidente que me inspirei nele, mas não no sentido da escolha da profissão. As minhas irmãs também, cada uma seguiu um caminho e – um dado interessante - eu estava relembando esses dias, por parte do meu pai, a minha família é cem por cento uspiana, porque o meu pai ingressou no Largo São Francisco e depois em Ciências Sociais na USP. Eu fiz medicina pela USP, a Tae, minha irmã mais velha fez Direito pela São Francisco e Letras na USP e a Hana, minha irmã mais nova fez biologia na USP e trabalha no Instituto Butantã, faz carreira lá. A minha esposa, que não é de origem japonesa, é formada em letras, em russo, pela

USP e os meus filhos que são universitários, o mais velho faz a ECA, onde escolheu o curso de Audiovisual, e quer fazer carreira em cinema e a minha filha ingressou em Psicologia este ano. Então acho que uma coisa que muito nos orgulha é que somos cem por cento formados ou em formação pela Universidade de São Paulo.

Eu me formei em 1971 e, após a graduação, eu fui fazer residência em ortopedia. Foi uma opção que fiz mais ou menos entre o quarto e o quinto ano da faculdade, antes do internato, lá pelo quinto e sexto ano. Então, optei pela ortopedia, porque sempre tive atração pela área cirúrgica. E entre as várias opções da área cirúrgica, tomei gosto pela área ortopédica, me identifiquei com ela, e escolhi essa área. Hoje sou ortopedista, atuo nessa especialidade dentro da medicina. Fiz os dois anos de residência. Na época eram dois anos, hoje são três. Após o término da residência médica, me mantive sempre ligado ao Hospital das Clínicas, que pertence à Faculdade de Medicina. Lá eu sou médico assistente e vivi toda uma evolução dentro do Instituto de Ortopedia e Traumatologia, que é o local onde eu trabalho. Acabando a residência eu fiz a preceptoria de residência. Dentro da ortopedia, cada um toma um rumo e eu, de uns anos para cá, me dediquei mais à área de cirurgia do quadril, onde tenho minha atuação principal hoje. Paralelamente à atuação profissional propriamente dita e à atividade dentro do Hospital Escola, o Hospital das Clínicas, tive muita participação nas entidades médicas.

12) Jorge Oseki (*IN Momoriam*)

Em casa o lado paterno é um lado muito, não diria cosmopolita, mas apátrida, porque na realidade meu pai nasceu na Manchúria. Ele nasceu, porque os japoneses foram à China de uma maneira bastante violenta colonizar a China. Ele nasceu na Manchúria, agora que saiu aquele filme do Bertolucci, 'O Último Imperador', a Manchúria ficou mais conhecida, é aquele pedaço da China que ficou sendo uma colônia japonesa. E o meu avô foi lá ensinar japonês para os colonos. Não que meu pai teve uma infância desinteressante porque ele cresceu na China, ele nem conversava com os chineses, ele era um dominador. Quando ele veio para o Brasil, já tinha essa coisa do estranhamento mais trabalhada. Papai não ligava muito, era extremamente complexo o meu pai. Não tinha essa coisa de brasileiro, ele se achava brasileiro, ele era muito diferente mesmo. O meu pai parecia chinês mesmo, sempre gostou muito dos prazeres, música, dança, ópera, ele gostava muito dessa parte artística. Desenhava muito bem. Ele era de família não muito rica. Uma família rica, mas falida. Tinha também uma letra muito bonita, escrevia muito bem e no Japão escrever bem os Kangis e tal, a grafia bonita é uma qualidade muito grande. Dizem que isso foi uma das razões pela qual meu avô aceitou o casamento da minha mãe com meu pai. Porque a família do meu avô tinha mais tradição. Tradição no Japão é milenar, então quando eles dizem tradição é tradição mesmo. Na família da mamãe, foi o pai dela que veio no primeiro navio, Kasato Maru, e a minha avó também. Só que eles não eram casados. O meu avô veio solteiro. Ele tinha ascendência samurai, era nobre. Como era o terceiro filho, para família samurai ele não tinha direito a nada. Então o tio dele falou: “-Vá para o Brasil que lá você terá oportunidade!” Ele tinha se instruído, estudado, tanto que chegou aqui e fundou o primeiro jornal nipo-brasileiro, em Bauru, quando a família melhorou. Ele foi trabalhar na lavoura, a minha avó foi operária de fábrica. Mas é gozado, os japoneses tem isso de interessante. Mesmo a minha avó sendo operária, meu avô vendendo brinquedo na rua, eles tinham um orgulho um pouco diferente das migrações de judeus e árabes. Os japoneses não se achavam inferiores, mesmo fazendo o trabalho mais subalterno, eles sempre se acham o máximo. Isso talvez seja uma qualidade. Eles não se curvavam e se os brasileiros tinham preconceito em

relação a eles, eles também tinham preconceito em relação aos brasileiros. Então é uma coisa interessante, eles são avessos e não se consideravam inferiores mesmo. Meu avô se achava o máximo. E o meu avô, como ele trabalhou na Noroeste, ele teve contato com índios. Então ele criou um dicionário de japonês-tupi. Todo aniversário ele me dava um. Eu tenho milhões de dicionários! Mas é muito interessante, porque ele montou essa teoria de que o tupi e o japonês tinham uma origem comum. A reação da minha família quando eu entrei na universidade não foi muito efusiva, foi zero, pois já tinha gente da família em universidade. A minha mãe é que foi uma pena, não fez curso superior. Minha mãe foi brilhante, escrevia muito bem, tinha uma idéia por minuto. Uma pena mesmo que não tenha feito nada. Mas lá em casa nunca se colocou outra perspectiva. Eu e minha irmã tínhamos que fazer faculdade e pronto. Não teve nem muito orgulho, nem vergonha, era uma obrigação. Quando eu falei pro meu pai: “Olha pai, entrei.” Ele falou: “Tá bom!”. E a gente foi até super brilhante, entrou sem ter feito cursinho. O colégio estadual que eu fiz também era muito bom. Estudar as redes de infraestrutura urbana foi assim: nós estávamos estudando a construção civil e tentando entender as determinações da construção civil sobre a arquitetura e o urbanismo, a produção do espaço (na época era a produção do ambiente construído), os empresários e operários da construção civil, e eu resolvi estudar a produção das redes de infraestrutura. Eu comecei a estudar estas redes, para saber para os empresários e para os operários o que elas significavam, o que os operários entendiam destas redes, que na verdade eram virtuais. Quem ia construir a rede de esgoto, falava: “aqui vai passar uma rede de esgoto, uma adutora, uma usina de tratamento e a água limpinha voltará para o rio”, mas isto desenhando no ar, porque tudo era virtual, e eles compreendiam tudo. Esse conceito de rede é então um conceito eficaz, tanto para operários quanto para usuários. Na realidade define-se como uma pessoa que tem conforto, isto é, qualidade de vida, aquela que vive em um lugar que possui todas as redes, inclusive telefone, internet e etc.. Esse conceito era e é muito importante, um conceito oriundo da engenharia, não da arquitetura. Depois, com a generalização das webs a gente foi vendo que esse conceito tornou-se importante também para a dominação socioespacial. Redes de cidades globais, enfim. Me aceito então como um brasileiro diferente. Como professor da USP, durante a união na militância política, a gente se sentia muito uma coisa só. Depois teve o PT que deu também esta ilusão de união. No final da década de 70 e na década de 80 vivíamos em um paraíso. O Brasil era maravilhoso. A sociedade brasileira estava no seu melhor. Havia os trabalhadores, os trabalhadores em educação, os funcionários públicos mobilizados. Havia uma classe média que pensava, que contestava, foi uma época muito boa. Os movimentos sociais incluíam sem nada, gays, japoneses, índios, tudo, parecia que isto somado daria em uma coisa muito boa. Realmente fui muito feliz, no final da década de 70 (e início dos anos 80), a USP era deslumbrante. As assembleias eram de uma qualidade, de uma densidade, com o Antonio Candido, o Modesto Carvalhosa, a Marilena, uma coisa linda! Uma coisa que vinha represada pela ditadura, e que depois fluiu, parecia que ia tudo dar certo. No final de 80, começo de 90, deu aquela travada e nos anos 2000 eu me cansei do Brasil, para ser sincero. Não que eu saiba como mudar, ou queira fazer alguma coisa, estou cansado dessa alegria, porque ela é meio inócua, porque é tudo muito feliz, mas também não se cria nada, além de mais-alegria. Essa riqueza desperdiçada, todo mundo sambando, vai chegando o carnaval vai cansando, porque no fundo é tudo incoseqüente, infantil. Eu achava que não, quando eu tinha partido político, militância, parecia que tudo isso somava para uma coisa maior: o Brasil descendo a ladeira... será talvez um dia, mas não foi ainda. Minha irmã foi para a França, é catedrática lá, não é fraca, não, como se diz “foi à França ensinar francês!”. Mas lá em casa tudo isso era considerado trivial. Tanto fazer faculdade, como trabalhar. Nunca também me passou pela

cabeça não trabalhar. Isso tem no meu sobrinho francês que resolveu não trabalhar (na verdade ele é DJ), mas para mim nunca me ocorreu. “Vai trabalhar, vai estudar, vai fazer faculdade e vai ser arquiteto (já que não quer ser médico)”, a idéia era até ficar rico, mas essa parte não deu muito certo. Na minha época pensava-se que fazer faculdade, ser arquiteto era ter um futuro brilhante, não foi, nem fiz ou faço questão, mas a idéia era essa. Trabalhar, se formar.. Estudar as redes de infraestrutura urbana foi assim: nós estávamos estudando a construção civil e tentando entender as determinações da construção civil sobre a arquitetura e o urbanismo, a produção do espaço (na época era a produção do ambiente construído), os empresários e operários da construção civil e eu resolvi estudar a produção das redes de infraestrutura. Eu comecei a estudar estas redes, para saber para os empresários e para os operários, o que elas significavam, o que os operários entendiam destas redes, que na verdade eram virtuais. Quem ia construir a rede de esgoto, falava: “aqui vai passar uma rede de esgoto, uma adutora, uma usina de tratamento e a água limpinha voltará para o rio”, mas isto desenhando no ar, porque tudo era virtual, e eles compreendiam tudo.

13) Jorge Yamamoto

Eu me formei em dezembro de 1976 e fui contratado pelo IPT em primeiro de julho de 1977. O IPT foi a minha segunda escola, onde eu aprendia a ter disciplina para escrever e entregar relatórios, fazer pesquisa e, sobretudo cumprir datas. Essa foi a grande escola que eu tive. Até hoje eu falo para os meus alunos, o IPT realmente foi uma grande coisa. Trabalhei no IPT durante onze anos e paralelamente nunca me desliguei da Universidade, fazia mestrado e mesmo no IPT publicava pouco, mas publicava. Lá participava de Congressos, até que tive um convite do departamento de Geologia Econômica e Geofísica aplicada para integrar o quadro docente do departamento. Para mim foi uma surpresa, eu não aceitei assim de primeiro momento, pedi uns seis meses para pensar. Assim entrei na Universidade. Eu comecei como professor assistente, pois só tinha o mestrado. Em 1990, eu tive a oportunidade através do BID-USP de viajar para os Estados Unidos, para a Universidade do Arizona, onde passei um mês e lá consegui aprender e dar o pontapé inicial na minha carreira em geoestatística aplicada. Toda a minha pesquisa está baseada nas propriedades e aplicações das Variâncias de Interpolação. Até hoje eu tenho publicado artigos baseados nesse conceito básico.

Para um público leigo, o que é tudo isso? Nós usamos amostragem. A amostragem é um conjunto de poucos pontos dentro de um universo que nós queremos conhecer. Coletamos amostras. Em Geologia, elas são caras. Por exemplo, petróleo - eu ouvi falar que na bacia de Santos um furo custa cem milhões de dólares – e assim nós temos que trabalhar com poucas amostras. Nós temos uma pequena quantidade de amostras para estimar uma grande quantidade de pontos não amostrados. Isso é estimativa.

14) Kazuo Watanabe

Essa atividade de leitura que eu mencionei nasceu de uma constatação que eu tive. Eu vim de Bastos para São Paulo e a primeira coisa que tentei fazer foi entrar no Colégio Roosevelt e ali havia um exame de admissão e eu não fui aprovado. E percebi que não fui aprovado por causa do meu português que era muito incipiente. Daí vergonha e ao mesmo tempo uma instigação íntima. Então comecei a ler, ler e ler. Então me preparei o suficiente para fazer esta transição daquela vida interiorana, de influência eminentemente japonesa para uma vida da sociedade brasileira com conhecimentos melhores e várias coisas que em Bastos nunca tive acesso a elas. (...) Era uma forma de treinar esses interioranos, os nisseis para terem uma participação mais ativa na

sociedade brasileira. Aí participei ativamente na política estudantil pelo menos até o quarto ano. Depois do quarto ano eu percebi, eu falo em uma entrevista que dei, de uma natureza bifronte, às vezes mais voltado para atividades práticas, mais para ação, para a política, e uma outra faceta minha mais voltada para a teoria, pesquisa e estudos. E sempre foi uma gangorra dentro de mim, mas uma hora predomina essa natureza mais voltada para os estudos, para a atividade de pesquisa. Os meus irmãos se sacrificaram e eu fui o primeiro filho que teve condição de seguir uma carreira universitária, se diplomar e exercer uma atividade diferente da deles. Nem eu tinha consciência do que poderia ser depois de formado no curso de direito. A idéia que a grande maioria tinha, e eu mesmo tínhamos essa percepção era que eu seria um advogado. Juiz de direito nem sonhar porque é função do Estado, autoridade do Estado e eu tenho impressão que a comunidade nipo-brasileira não se sentia ainda em condições de atingir esse estagio. Então nem eu nem a família tínhamos noção do que poderia eu ser terminado o curso de direito. A minha idéia, terminado o curso era ser advogado. Mas, com o tempo, lendo biografias, lendo a vida de formados pelo direito eu fui percebendo que havia a possibilidade de seguir um outro rumo. Quando eu terminei o curso eu advoguei durante dois anos na Cooperativa Central Sul Brasil atendendo cooperados, mas nessa época eu já estava decidido a ser juiz. Me preparei e prestei concurso em 1962. Esse fato do meu ingresso na magistratura foi um fato que causou espanto talvez para toda comunidade nipo-brasileira porque não havia nenhum descendente de imigrante japonês na magistratura, em uma função que significasse uma autoridade. Até então, durante a guerra, muitos tinham sido vítimas de abuso de autoridades não de juiz de direito, promotor, mas de sargentos e alguns delegados. Era guerra e havia desconhecimento completo tanto de japoneses como das autoridades. Alguns foram presos. O meu irmão mesmo foi preso porque estava conversando em japonês em uma praça pública com alguns amigos. O que é relevante notar e noto isso: menos de vinte anos depois do término da guerra eu fui admitido como uma autoridade pública e consegui fazer minha carreira sem nenhuma discriminação. Então percebi que a discriminação, o preconceito está muito mais na cabeça da gente, principalmente daquele que se sente discriminado, do que realmente na própria sociedade. Existem pessoas intolerantes como em qualquer sociedade. Nós temos ainda hoje várias evidências dessas intolerâncias, mas a sociedade como um todo, eu costumo citar, se não me engano são observações de Sérgio Buarque de Hollanda e de Caio Prado Júnior, que a sociedade brasileira por ser uma sociedade caracterizada por mestiçagem de raça desde a descoberta, colonização, recepção de imigrantes até agora. Eu julguei várias causas e não tenho nenhuma distinção entre mais importantes e menos importantes. Mas eu tive possibilidade de participar ainda quando estava como desembargador no tribunal da concepção do Juizado de Pequenas Causas que hoje são conhecidos como Juizados Especiais. Eu tenho impressão que foi uma das coisas que ocorreram de alteração do sistema judiciário no Brasil que talvez tenha sido a coisa mais importante nos últimos cinquenta anos. Eu tive a possibilidade de participar também da elaboração da Lei da Ação Civil Pública e de processos coletivos. As pequenas causas tratam das micro e pequenas reclamações que são importantes para distribuir a justiça para a comunidade toda, principalmente para os mais humildes. Além disso, a ação coletiva que é a Ação Civil Pública cuida de processos moleculares, conflitos coletivos. Conflitos que dizem respeito, por exemplo, ao meio ambiente, ao consumidor como um todo, que cuida do interesse da coletividade, do interesse social, do interesse coletivo. Essa é a lei de 1985, eu tive a oportunidade de participar do anteprojeto e posteriormente eu me aposentei em 86 e pude participar da elaboração do Código de Defesa do Consumidor junto com a professora Ada Pellegrini e nós cuidamos da parte processual desse estatuto. E também de várias leis de alteração do sistema processual,

modificações que começaram a ocorrer de 92 para cá. Ultimamente, junto com colegas, profissionais da área participaram da Lei de Mediação, a possibilidade de criar no Brasil mecanismos alternativos a uma solução judicial. Mas junto com o Estado, haver a adoção desses meios alternativos para a solução de conflitos. Julgar causas me deu muita satisfação, função que exerci durante vinte e cinco anos e posteriormente poder participar da elaboração de várias leis que tentaram aperfeiçoar o sistema de solução de conflitos no Brasil. Isso talvez tenha sido também motivo de muita satisfação e orgulho para mim.

15) Kokey Uehara

Entrei na Poli em 1949. Eu entrei tarde porque cheguei com nove anos e tive que ajudar a construir a casa de pau-a-pique, essas coisas. Mas eu consegui virar acadêmico normal e na Escola Politécnica eu tive grandes professores, assim como tive o professor do Prado que por sinal, quando eu formei – porque as férias passavam em Olímpia e ia cumprimentar o diretor e os professores-, quando consegui o diploma de engenheiro, fui levar para o diretor. O diretor olhou e o reitor, quem era? Professor Luis Cintra do Prado. Ele chorou. O jovem engenheirinho Kokei Uehara, o reitor, ex-aluno dele, professor Luis Cintra do Prado. Eu guardo com muito carinho esse diploma. Eu quis adiantar isso, mas na Poli eu tive muitos professores bons. Na Poli, quando eu entrei tive dificuldades também, chama-se a ressaca do vestibular, eu fiquei um pouco doente, até pensei em descansar, mas agüentei e fui levando. Mas depois que eu entrei na Poli, eu fui orientado tipo estudante do Japão de antes da guerra. Meus irmãos não admitiam que eu fizesse *arbeit*. Quando eu passei do terceiro para o quarto ano da Poli, nas férias eu consegui uma série de *arbeits*, bem pagos e mal pagos. Eu queria fazer estágio para receber alguma ajuda de custo para diminuir a remessa da mesada. Essa foi a minha intenção. Para que eu fui escrever isso? Porque a minha única obrigação para com os meus irmãos era escrever carta todos os domingos em japonês. Era analfabeto. Vim para cá no terceiro ano do grupo escolar no Japão e parei aqui. A minha família escolheu a escola brasileira. Eu escrevia lá meio esquisito, mas todo o domingo mandava carta. Aí escrevi dizendo que tinha conseguido vários estágios – eu não falei que era para diminuir a remessa, mas que era para aprender a prática da engenharia e etc. Eu achei que estava ajudando a família. Infelizmente eu não sei onde foram parar as cartas que recebi dos meus irmãos, mas essa carta seria monumento hoje para quem quiser educar os filhos. Primeira linha, em japonês: “Se essa escola te dá chance de fazer *arbeit*, essa escola não presta. Melhor voltar para sítio puxar enxada.” Começou assim. Na segunda página escreveu, escreveu e no fim escreveu assim: “Proibido *arbeit*. Nem pensar.” “Se tiver um pouco de tempo procure se matricular em um curso de piano, violino, ou curso de filosofia ou curso de conhecimentos gerais ou curso de línguas, que nós reforçaremos a mesada.” Essa é a minha família.

16) Leny Sato

O papai morreu no ano em que eu entrei na faculdade, que foi em 1978 o ano em que entrei na USP como aluna de psicologia. Me formei aqui em 1982. Fiquei um período desempregada, como vários psicólogos, inclusive, e depois consegui me inserir na área de saúde pública em um instituto de pesquisa, em um instituto de saúde, na área de saúde coletiva. Influenciada por um estágio que fiz nesse período, após minha formatura, um estágio não-remunerado em um hospital psiquiátrico, eu me interessei pela temática do trabalho. Nesse instituto de pesquisa eu fiz um curso de aprimoramento profissional com bolsa da Fundap, que ainda existe, para me formar na área de saúde coletiva e uma especialização na saúde do trabalhador que é uma área por onde eu entro na área da saúde e entro na área do trabalho. Posteriormente, eu fiz o mestrado na PUC de

São Paulo, na área de psicologia social. Eu entrei no mestrado, se não me engano, em 1984, concluí o mestrado em 1991- naquela época tínhamos a possibilidade de fazer um mestrado mais longo. Fiz um estudo que é muito importante, pelo qual tenho muito carinho, que é um estudo de motorista de ônibus urbano. O objetivo desse estudo era caracterizar como os próprios motoristas definem o que é um trabalho penoso. Posteriormente voltei para a USP, para o Instituto de Psicologia, para o programa de Psicologia Social e fiz um estudo em uma fábrica, em uma indústria de alimentos. Fiquei no chão de fábrica cerca de oito meses. Eu tenho conduzido esses estudos a partir de uma influência da etnografia importante, que eu acho que é uma forma de se aproximar do cotidiano de trabalho das pessoas e o objetivo foi identificar se é possível pensar, mesmo em uma situação de trabalho fabril, em uma posição de assimetria de poder clara. Você, quando entra em uma fábrica, não tem dúvida de quem manda ali dentro, identificar se mesmo nessa situação seria possível pensar em replanejar o trabalho com vistas a melhorar aquela forma de organização, pensando na possibilidade de evitar problemas de saúde. Fiz a livre-docência recentemente, no ano de 2006, e aí estudei uma outra categoria profissional, um outro tipo de trabalho, que é a feira-livre, para entender como se organiza a feira-livre. E é um setor em que o trabalho formal e informal caminham juntos. Então em termos de minha trajetória de pesquisa, esse foi o caminho que eu segui.

17) Márcia Mery

Os meus pais fizeram até o segundo grau, não fizeram o curso superior. Então, com certeza, a entrada da filha foi um momento muito importante para eles, isso eu me lembro no dia da divulgação. Foi uma festa, realmente é um momento importante, um orgulho para os meus pais, e as minhas primas fizeram faculdade, mas não entraram na USP. Na verdade, de toda a minha família dos meus pais eu fui uma das primeiras a entrar na Universidade de São Paulo. Então, naquele momento eu acredito que tenha sido importante para os meus pais saberem que a filha entrou na Universidade de São Paulo. Claro que os filhos mais jovens nós temos um histórico de primos que entraram também. Mas naquele momento, especificamente, eu fui um das primeiras a entrar. Mais tarde fui convidada para ser professora. Depois de fazer mestrado e doutorado, com certeza, para meus pais foi grande alegria. Para eles deve ter sido uma coisa muito importante mesmo. Existe algo que é paralelo e se comenta durante uma aula, durante a atividade hospitalar, algo que teria acontecido que levaria a uma discussão sobre o direito dos animais. Uma ética no procedimento dos profissionais da área que acho muito importante. Não temos uma disciplina com esses conteúdos. Mas, a todo o momento, colocamos a possibilidade de alguma discussão acerca disso. Existe a norma de experimentação de animais para experimentação. Não existe a disciplina, mas existem os eventos paralelos em que nós podemos discutir sobre a utilização dos animais, o respeito aos animais, o abandono. É uma situação que a gente vive e que tem gerado muitas discussões não só na faculdade, mas tem congressos específicos da área, e a área de pequenos animais, como a área de grandes animais, nós temos os ruminantes e eqüinos e assim por diante, cada um com seu fórum específico. Especificamente no departamento de clínica médica, nós temos uma possibilidade de atuação no hospital veterinário do *campus* de Pirassununga. Então nós temos a extensão do hospital veterinário de São Paulo no *campus* de Pirassununga. E o hospital de Pirassununga atua na área de pequenos animais, animais de companhia e grandes animais. Então nós temos, quando os alunos estudam a parte de ruminantes, nós temos grupos de alunos que vão ao *campus* de Pirassununga para o atendimento no campus e adjacências que tem várias fazendas. Nós temos também pós-graduandos que desenvolvem projetos de pesquisa dentro desse hospital veterinário. No caso de São Paulo o

número de pequenos animais é muito maior. Nós atendemos quarenta mil casos anos, aproximadamente. Mas o número de pequenos animais é muito grande, então nós não temos essa necessidade de ir ao *campus* de Pirassununga, porque nossa fonte de estudo está aqui, a nossa casuística está toda aqui porque, como eu já comentei, em termos de casuística, é o maior hospital da América Latina. Os outros departamentos eu sei que eles têm centros de pesquisa no *campus* de Pirassununga onde os docentes atuam nesses locais mais específicos.

18) Mikiya Muramatsu

Em 1964, eu vim para São Paulo com vinte anos. Peguei todo aquele movimento de transformações. Mas, essa coisa de interagir com outros jovens era muito pouco. Ficávamos na pensão estudando quase o tempo todo e o tempo livre para diversão era muito pouco porque era estudar no cursinho e aquela tenacidade de querer entrar na USP. Acho que isso foi uma marca que lembramos, de passar a noite estudando. Nos dois anos que eu fiquei aqui fazendo cursinho, não me lembro de ter saído para me divertir: piquenique, jogar futebol, coisas que eu adoro muito. Eu fiz uma pausa naquela época. Depois que eu entrei na USP eu tive uma vida um pouco mais social, mas muito pouco. Depois que você entra na faculdade tem que estudar. Aí eu comecei a me sustentar também, tive que ir dar aula no colégio. Eu entrei em 1966 na Física. Eu fiz o vestibular na Maria Antônia, mas o curso de Física já estava sendo mudando para cá. Então eu estudei na Cidade Universitária que era completamente diferente. Em 1967, já estava dando aula como professor secundário. Desde 1967, eu trabalho no serviço público. Formei-me em 1969 e em 1970 já estava dando aula nos cursos básicos da Física e fui contratado em 1972, com contrato oficial. Na graduação, acho que vivi intensamente a política. Eu e minha atual esposa, na época éramos namorados. Nós participamos bastante. Tenho até marcas físicas na cabeça que é de passeatas. O Arantes, o Dirceu, todo esse pessoal era líder naquela época e eu participei de vários daqueles movimentos estudantis. Era pelo movimento estudantil. Era pelas assembléias. Eu assisti a algumas no CRUSP. Teve lá na Física também. Mas eu não participei de nenhuma organização. Acho que era mais uma convicção. Bom, eu não tenho muita experiência com a ADUSP. Eu participei muito das assembléias da ADUSP, das passeatas, mas nunca participei do sindicato. Agora, durante dez anos eu fui e ainda sou membro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores Nikkeis. Depois, eu acho que talvez eu tenha sofrido muita influência do meu sogro. Meu sogro, Tetsunosuke Assami, era um jornalista de ultra-esquerda e nós conversávamos muito. Eu acho que talvez tenha sofrido muita influência e ele gostava que eu participasse desse movimento estudantil. Mas, eu tenho me afastado em função de muitas outras coisas. Recentemente eu fui convidado pelo Pró-Reitor de Cultura e Extensão para ser vice-diretor na Estação Ciência, o que está me tomando um tempo muito grande. Minha esposa (Neide) também é de origem japonesa. Ela é formada em Pedagogia aqui pela USP e trabalha na Prefeitura de São Paulo até hoje, na Secretaria do Bem Estar Social. Já trabalhou em creche, centro de juventude e albergados. Foi uma época em que lembramos e contamos para os nossos filhos e eles querem ouvir porque não viveram essa época. Foi uma época em que foi interessante participar. A minha vida universitária foi um pouco atribulada, primeiro porque eu me licenciei, depois eu fiz bacharelado. Eu sempre gostei da parte de Educação. Em 1986, eu fiz o pós-doutorado no Japão com bolsa do CNPq. Fui com a família toda e foi uma experiência fantástica. As crianças tinham cinco, sete e nove anos de idade. Então na idade escolar eles estudaram na escola japonesa por um ano. Então eles aprenderam a falar, absorveram um pouco da cultura japonesa. Foi uma experiência realmente inesquecível essa parte de trabalhar e fazer essa ponte entre Brasil e Japão.

Depois eu voltei para o Japão várias vezes em trabalhos conjuntos, ganhei alguns materiais do Japão, trouxe muitos japoneses para cá, com bolsa do Japão ou do CNPq. Eu voltei várias vezes em estadias mais curtas.

Eu acho que você estar no Japão é uma sensação meio estranha porque eu me sentia naquela época um pouco estrangeiro. As pessoas às vezes olham como estrangeiro. As pessoas até perguntam: “Você é nascido aqui ou no Japão?”. Não sei se eu tenho muito sotaque, mas as pessoas acham que eu posso ter nascido no Japão e eu falo que não, que sou brasileiro, os meus pais são japoneses. Claro que eu tenho sangue japonês. Mas quando se vai ao Japão, pelo fato de você não dominar completamente a língua, quando você abre a boca, as pessoas percebem que você não é japonês. Lá você se sente estrangeiro. Mas, eu acho que se é muito bem recebido, principalmente se você é da Universidade de São Paulo. Talvez seja diferente com as pessoas que vão para lá para trabalhar, os decasséguis. Talvez eles não sejam bem recebidos, tenha um certo preconceito contra eles, mas em termos de ser bem recebido, eu acho que fui sempre muito bem recebido. Mas, de certa forma, a gente se sente estrangeiro, não se sente como voltando para casa. E o que é interessante é que você entende melhor os seus pais. Estando lá: “Nossa, o meu pai fazia assim porque ele tem esses valores do Japão”. Em muitas coisas você acaba entendendo os seus pais através voltando no país de origem. Hoje eu continuo trabalhando na óptica. Eu fiz o pós-doutorado no Japão e tenho um laboratório de óptica em que trabalho em duas vertentes, na verdade três. Eu trabalho com uma técnica chamada de speckle em que você usa o laser para estudar a superfície. Se ela está vibrando, porque o olho não detecta, mas a luz laser consegue detectar vibrações, deformações, deslocamento de superfície. Pode-se mapear a superfície e medir em seus termos usando essa luz, o laser. Na outra vertente, eu trabalho com uma técnica chamada holografia. Holografia é a reconstrução da imagem tridimensional. Então você tem um objeto e quer deformar, e a deformação é muito pequena, micrométrica, então você joga luz e reconstrói essa imagem e você vê uma imagem tridimensional. Você pode fazer vários estudos tanto na área da engenharia como na área da saúde. Ultimamente, eu tenho feito trabalhos com o pessoal da odontologia. Por exemplo, você ilumina uma face de uma pessoa, ou então ilumina a arcada dentária e você verifica quais são os esforços, como se propagam as tensões no processo de mastigação. Quando você mastiga não dá para fazer isso mecanicamente, mas com a luz você pode ver, então olhando você consegue detectar essas deformações. Mesmo aqueles aparelhos que se chamam de expansão rápida que o dentista coloca e vai apertando, muitas vezes dá dor de cabeça porque quando você aperta toda a caixa craniana deforma e então você consegue ver pela holografia. Essa é uma vertente do meu trabalho. Não é um trabalho, é uma pesquisa básica e é uma pesquisa que tem várias aplicações na área da odontologia.

19) Rosaria Ono

Me formei na FAU em 1987, a situação no Brasil não estava boa, economicamente falando e a gente não via muita perspectiva de trabalho aqui. Me dediquei à área mais tecnológica da construção e fiz estágio no IPT por 3 anos e tive, nesse estágio, contato com uma cooperação técnica que o IPT mantinha com o Japão na época. No fim da minha graduação aqui eu concorri a uma bolsa de estudos do governo japonês voltado para os estudantes de nacionalidade brasileira. Acabei ganhando a bolsa de estudos e fiquei três anos no Japão, onde fiz o mestrado na Universidade de Nagoya. Depois desse período, voltei ao Brasil e me contrataram no IPT onde trabalhei e me desenvolvi profissionalmente até 2003. Fazendo o doutorado, ainda no IPT, já pensava em voltar um dia para a USP. Surgiu uma chance num processo seletivo, acabei tentando e tive sucesso. Então acho que foi uma coisa muito boa. Acho que foi um pouco

planejado ao longo do tempo em função do tipo de perfil que inicialmente eu achei que não tivesse. Quando eu acabei o mestrado no Japão pensei: "Bom, agora vou só trabalhar, não quero mais saber de estudar.." "Não, imagine, eu, dar aulas? Não levo jeito para isso." E com o tempo, a gente acaba dando uma aula cá, uma palestra lá, uma aula de extensão, e começa a se identificar. E eu percebi que gosto de dar aulas, orientar alunos, estudar. Meu pai até falava: "Mas quando você vai começar a ganhar dinheiro, só quer saber de viajar com bolsa e estudar.". Mas essa é a minha vida, tanto que ele não fala mais nada. Acho que eu estou aqui bem colocada, pelo menos me sinto bem com o trabalho que faço na FAU.

20) Sakae Murakami Giroux

Comecei, portanto a ensinar a língua japonesa no Curso de Língua e Literatura Japonesas da USP como monitora voluntária, a partir de 1969, e Teiiti nos pagava o transporte e o sanduíche. Mas nunca me arrependi de minha decisão pela função pública no ensino e na pesquisa que globalmente me deu grandes satisfações. A partir de 1971 fui contratada como auxiliar de ensino e assim, pelo jogo de circunstâncias, comecei efetivamente a trilhar o percurso que minha família considerava como ideal para uma mulher, acrescido do mérito de ser no campo de estudos japoneses. A Universidade de São Paulo sempre me concedeu afastamentos que objetivassem a formação e o aperfeiçoamento na pesquisa e na docência, seja no Japão ou na França. Pude realizar essas atividades sempre em boas condições com subvenções obtidas por bolsas de estudo concedidas pelo Ministério da Educação do Japão (Monbushô), Fundação Japão, FAPESP ou CNPQ. Pretendendo me especializar em estudos sobre o teatro clássico japonês, mais precisamente em desenvolver pesquisas em torno dos textos teatrais redigidos no Japão a partir dos fins do século XIV até o início do século XIX, pude contar com a orientação dos melhores especialistas do campo, seja ela no Japão ou na França. Obtive nesse segundo país, o doutoramento em estudos japoneses, diploma que era necessário para constituir a massa crítica do futuro curso de pós-graduação na USP, no campo da língua, literatura e cultura japonesa. Os colegas de outros departamentos ou faculdades que vieram reforçar nossa massa crítica foram Ricardo Gonçalves, Shozo Motoyama e Massato Ninomiya. Nesse longo processo Antonio Candido sempre nos ajudou com bons conselhos e palavras justas nos momentos difíceis de nosso Curso. Hoje vivo na França, junto com minha família e continuo minhas atividades de ensino e pesquisa na Universidade de Estrasburgo. Sou o resultado do sistema de formação de pesquisadores implementado na Universidade de São Paulo e, apesar de tantas reformas universitárias, espero que a USP nada tenha alterado neste particular. No que tange à pesquisa em japonologia, devo ressaltar igualmente o papel de Centro de Estudos Japoneses da USP fundado em 1969 por inspiração de Teiiti Suzuki que incrementou o desenvolvimento dos estudos japoneses no Brasil. Teiiti foi aquele que travou uma batalha incansável pela construção da Casa de Cultura Japonesa no campus da Universidade de São Paulo. Com a permissão de construção concedida pela USP e com subvenções vindas, sobretudo do Japão, mas também arrecadadas na colônia japonesa de São Paulo, esse homem conseguiu finalmente, em 1975, dar um « teto » ao Centro de Estudos Japoneses, o que constitui uma estabilidade imprescindível para a boa continuidade das atividades de qualquer organização. O primeiro passo era, portanto, viabilizar a formação de pesquisadores dignos de sua entidade. Poder ler textos do século VIII para cá, significava poder fazer pesquisas de primeira mão e de se apresentar nos meios acadêmicos internacionais com comunicações sérias, bem fundamentadas e talvez originais. Dezenas de professores, especialistas, sobretudo de língua clássica japonesa das universidades ou

do Centro Nacional de Pesquisas em Língua Japonesa do Japão vieram como professores visitantes para a Universidade de São Paulo com subvenções de organizações como OTCA (Overseas technical cooperation agency) ou Japan Foundation para dar aos pesquisadores brasileiros esses requisitos primordiais. Durante muito tempo, o Centro de Estudos Japoneses da USP fez parte de um dos cinco centros de pesquisa do mundo agraciado com um fundo de ajuda prioritária da Japan Foundation. Foi com o Centro de Estudos Japoneses da USP que se iniciava uma nova era de estudos japoneses no Brasil. Os pesquisadores deste Centro foram, em sua grande maioria, formados pelo Curso de Língua e Literatura Japonesa de nossa universidade, alguns dos quais se dirigiram para outras regiões brasileiras a fim de aí desenvolver outros cursos e centros de estudos japoneses, fieis à idéia que lhes foi transmitida. Sem sombra de dúvida, Teiiti Suzuki foi o pai da japonologia brasileira. Foi também aquele que, fiel a sua posição intelectual, deu ao Centro uma biblioteca especializada adquirindo em uma única vez mais de 10 mil volumes de textos fundamentais de história, literatura, pensamento e arte japonesa, graças às relações importantes que ele possuía no meio político, intelectual e editorial japonês. Kensuke Tamai, professor da Universidade Princeton que sucedeu Teiiti Suzuki, dirigiu eficientemente o Centro por mais de cinco anos. Penso também em minhas colegas Tae Suzuki que suportou com estoicismo anos de direção impostos pelas circunstâncias, Lídia Fukasawa, Geny Wakisaka e nas reuniões e discussões intermináveis, no trabalho coletivo que fazíamos visando o mesmo objetivo traçado por Teiiti. O bando das quatro, como o próprio Teiiti nos chamava, bem ou mal calçamos um pedacinho do caminho para a implementação dos estudos japoneses no Brasil. Nesse centenário da imigração japonesa, que tenhamos pelo menos orgulho pelo trabalho que fizemos « acreditando » ser bom para a japonologia brasileira.

21) Sedi Hirano

A minha família veio de Nagano, uma província considerada como a Suíça japonesa, uma região extremamente fria. Os pais da minha mãe tinham uma fazenda de criação de bicho de seda. Eles eram especialistas na arte de bicho de seda. Então, segundo minha mãe, no Japão, eles viviam com relativo conforto. Nunca houve falta de alimentação, miséria, fome e assim por diante. Quando ela veio do Japão para o Brasil, de 1918 para 1919, ela tinha oito anos. Ela veio para São Paulo e a primeira fazenda onde ela veio foi a fazenda Santa Rita e depois ela foi trabalhar na fazenda Mingoti como colono na fazenda de café. Segundo o relato da minha mãe também, poucos anos depois, meu avô conseguiu acumular o dinheiro suficiente para comprar um pequeno sítio de 10 alqueires. Foi nesse sítio que ele viveu o resto da vida plantando um conjunto de produtos de alimentação na área de verduras, cereais e assim por diante e com isso ele conseguiu criar os seus filhos. É claro que a intenção dele quando imigrou para o Brasil foi no sentido de migração provisória. Migração daquilo que os japoneses chamam de dekasegui. Aquele pessoal que migra provisoriamente para trabalhar no outro lugar. Por que isso aconteceu? Isso aconteceu porque houve uma praga de bicho de seda e na plantação de amora. Então eles

resolveram descansar a terra por alguns anos. “Enquanto a terra fica em descanso vocês podem ir para o Brasil”. Quem disse isso foi o pai do pai da minha mãe. “E ai, depois de um certo tempo, vocês voltam para o Japão para continuar trabalhando a terra.” Só que aconteceram alguns fatos, segundo a minha mãe, de que o filho mais velho faleceu no Brasil. Ai a filha mais velha casou no Brasil. Ai o avô disse o seguinte: “Olha, já que o filho mais velho já está enterrado no Brasil e a filha mais velha casou. É melhor todos se tornarem brasileiros. Eu já sou a segunda geração. O meu pai é japonês de Osaka. O meu pai era uma pessoa urbana, não era uma pessoa do interior como era a família da minha mãe. O meu pai morou em Tóquio, que era a capital do Japão. O pessoal de Tóquio e Osaka não migraram muito. Migraram mais as pessoas das províncias do norte e do sul e parte das províncias centrais do Japão. Mas não eram nem de Tóquio nem de Osaka. Então é muito difícil falar de japonês que migrou de Tóquio e que migrou de Osaka. O meu pai era uma pessoa letrada. Sobre a minha infância, o que minha memória registra é que quando tinha de cinco para seis anos eu comecei a trabalhar na agricultura puxando a enxada. O professor Kokei, em vários discursos, diz o seguinte: “Eu puxei enxada”. Ai eu pergunto a ele: “A marca da enxada era Duas-Caras?” - porque a Duas-Caras era a melhor enxada, a que melhor cortava – e o professor Kokei responde: “Era Duas-Caras”. Então nós puxamos enxadas, porque todos os filhos de japoneses puxaram enxada e trabalharam duro. Acordava-se cinco horas da manhã, tomava-se o cafézinho e depois trabalhava até oito, nove horas, depois almoçava, porque o pessoal da roça almoça muito cedo, entre nove e dez horas almoçava, depois voltava para a roça outra vez, trabalhava até meio dia, uma hora, tomava outro cafézinho para reforçar, fortalecer os músculos, voltava para a roça outra vez e se trabalhava até cinco, seis horas da tarde. Então foi uma vida difícil. Quando terminei o curso primário, eu fui fazer o curso ginásial no ginásio estadual de Poá e no primeiro ano tomei bomba. Porque tem que se descobrir um pouco a lógica e a sistemática dos cursos. Ai eu percebi que se você faz tudo direitinho e tenta fazer tudo aquilo que a professora manda fazer você se destaca. Entrei no time de francês. Então tinha concurso de quem conhecia todos os verbos franceses. De repente no segundo ano comecei a me destacar como um dos melhores alunos e entrei no quadro de honra. Isso me estimulou a ler mais e assim por diante. O meu pai faleceu com quarenta e dois anos, quando eu estava do primeiro pro segundo ano. Depois que meu pai faleceu eu tive que trabalhar na Avenida Liberdade, numero 21, no 13º andar em uma empresa chamada Micropropaganda como office-boy. Mas sempre com aquele sonho de fazer alguma coisa diferenciada, sempre lendo,

comprando livro e assim por diante. Era sócio do Círculo do Livro. O livro do Círculo do Livro era muito barato e tinha uma muito boa literatura. Lia também, como todo rapaz que quer ser um bom rapaz, Seleções também. Não vou dizer que não lia. (...) Quando me formei na Universidade de São Paulo no Curso de Ciências Sociais, o Ianni me procurou e disse que o Florestan queria falar comigo. O Florestan sempre era chamado de senhor professor pelos alunos. Aí o Ianni me conduziu a sala do professor Fernandes, e ele me disse: "Sedi, é melhor você sentar". E o Ianni comentou: "porque você pode cair de costas." Aí eu sentei. Então o Florestan me disse que como o Fernando Henrique estava se afastando da faculdade de filosofia, da cátedra de sociologia que o Florestan dirigia, ele queria guardar a vaga do Fernando Henrique. E pela observação que ele, Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso fizeram sobre a minha trajetória como aluno, eu estava sendo escolhido para substituir o Fernando Henrique Cardoso. Só que se o Fernando Henrique porventura voltasse do Chile, eu teria que deixar o lugar para ele. Eu não aceitei na hora. "Mas professor Florestan, eu nunca dei aula, não me sinto preparado para isso". Ele falou: "Olha Sedi, você aprende a dar aulas sofrendo com os alunos. Você vai aprender a dar aulas junto com os alunos. Mas como eu tinha uma larga experiência na área de pesquisa de mercado, de opinião, propaganda, porque eu fui gerente da Folha de São Paulo, trabalhei na Alcântara Machado com publicidade, ele me encarregou de dar um curso sobre pesquisa de mercado e propaganda. Depois que eu descobri porque o Florestan queria que eu desse esse curso. Porque na autobiografia que o Florestan faz, ele diz que uma coisa que ele não conseguiu foi convencer a comunidade acadêmica que pesquisa que forma profissionais para o mercado, também é uma alternativa importante na universidade. Não apenas fazer reflexão crítica. E não radicalizar tanto. Mas uma coisa que ele jamais conseguiu fazer foi formar profissionais no sentido de mercado. Mas formar profissionais competentes como intelectuais ele formou. Isso ele se considera muito bem sucedido. Então ele pediu para eu dar um curso de livre opção sobre pesquisa de opinião, propaganda e mercado. E para surpresa do grupo de professores, foi o curso mais procurado. Aí o Florestan antecipou a faculdade de ciências econômicas e administrativas, antecipou a Fundação Getúlio Vargas e o primeiro curso universitário de pesquisa e propaganda foi dado na Faculdade de Filosofia. Com isso vários profissionais que ocupam cargos de presidente e vice-presidente em grandes empresas na área de comunicação, muitos deles foram meus alunos. Aí me tornei professor, essa foi minha trajetória. Viajei par o Japão, eu fui professor por dois anos na Universidade de Tenri, em Nara, de cultura e sociedade brasileira. Aí

comecei a dar para os japoneses Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freire, porque eles tinham que conhecer. Quando voltei o chefe substituto do departamento era o Chico de Oliveira. Tinha uma vaga de vice-coordenador de pós, mas eu já tinha sido isso. Também tinha um programa de ação e integração da América Latina. Do ponto de vista político eu já tinha sido secretário executivo do Conselho de Reitores (CRUESP) de 1991 a 1995. Quando eu voltei o Chico falou: “Tem o cargo de vice-coordenador que eu estou deixando a Pós-Graduação. Indico o Sedi.” E eu fui eleito por aclamação. Dois anos depois fui reeleito por aclamação. Até aquela data nenhum chefe havia sido reeleito. Quanto a Direção da Faculdade, foi feito um calendário para as eleições, quem era o coordenador, o presidente da comissão, eram amigos comuns como o Flávio Aguiar, um grande colega e amigo, amigo da família. Eu acho que a faculdade de filosofia, como sempre tem um processo extremamente democrático de eleição do seu diretor. Eu espero que a faculdade de filosofia continue assim. Eu me lembro que esse processo foi desencadeado pela primeira vez na eleição do saudoso professor João Alexandre Barbosa. Ele foi o primeiro diretor eleito pela comunidade e pelos três segmentos. E quando eu venci as eleições, o João me procurou e disse: “Sedi, eu quero te dar os parabéns porque você seguiu o mesmo processo que eu segui e você conseguiu atingir o objetivo que é a vitória.” Eu fiquei muito feliz. Também nós entramos na campanha para construir uma candidatura à Reitoria da Universidade. Era uma candidatura em que o gabinete tinha uma candidata para sucessão que representaria a continuidade. Então convidado pelo professor Melfi e depois convidado pela professora Suely eu entrei na campanha. Finalmente, me tornei Pró Reitor de Cultura e Extensão e saí devido a proximidade da aposentadoria compulsória.

22) Seize Oga

Em março de 1966, fui contratado, como docente pela Faculdade de Ciência Farmaceutica. Comecei a carreira como instrutor, na disciplina de Farmacodinâmica (Farmacologia). Em 1969 após meu doutorado, viajei com a esposa e filha Rosely para o Japão, como bolsista do Ministério da Educação do Japão, para estagiar junto ao Department of Biochemical Pharmacology of University of Chiba, sob orientação do professor Haruo Kitagawa. Quando voltei, em 1971, havia ocorrido a famosa reforma universitária, com a qual todas as disciplinas básicas, inclusive a nossa disciplina de Farmacologia, tinham passado das respectivas Unidades para o novo Instituto, Instituto de Ciências Biomédicas. Lecionei Farmacologia neste Instituto durante 22 anos. No Instituto de Ciências Biomédicas da USP, prestei concurso de livre-docência, em 1974, e concurso de Professor Adjunto, em 1978, ambos na área de Farmacologia. Com a obtenção deste último título, passei a exercer a função de Professor associado em Farmacologia. Em 1993, prestei concurso para o provimento de uma vaga de professor Titular de

Toxicologia na Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Fui indicado para a vaga e acabei voltando para a minha Faculdade de origem. Nos meus últimos dez anos de carreira, trabalhei como professor titular de Toxicologia. Exerci a função de chefia do departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas, no período de 1994 a 1996 e, em seguida, a função de diretor da Faculdade, de 1996 a 2000. Aposentei-me em 2002.

23) Shozo Motoyama

Eu entrei na universidade, entrei aqui na USP sempre fazendo essa trajetória pelas escolas públicas que eram muito boas. Entrei na física, mas fiquei doente em 1961 e tive que parar durante quatro anos. O problema é que eu fiquei muito desnutrido até me curar da doença o que me afetou bastante a memória. Eu tinha uma memória, modéstia a parte, fotográfica. (...) E o professor Schemberg estava vendo se conseguia manter aquela autonomia da universidade, do departamento de física, mas não era uma tarefa muito fácil porque ele estava sempre sob a vigilância do regime. Eu sempre tive uma certa facilidade para organizar as coisas e os meus colegas sempre pediam para organizar uma série de eventos dentro desse movimento estudantil. Em uma dessas mesas redondas que nós organizamos sobre a questão da energia nuclear eu fui falar com o professor Schemberg e depois eu consegui uma grande amizade com ele. Então eu aprendi muito com ele com ele nesse processo e eu diria que ele foi o meu grande professor dentro do Instituto de Física e da universidade. Também ele gostava de mim e sempre me prestigiou muito. Se estou na universidade hoje é porque ele me indicou para ser contratado. O nosso relacionamento também era muito interessante em termos de tempo porque eu vinha de uma família pobre, eu já estava como monitor dentro do Instituto de Física, mas aquelas bolsas muito pequenas que não davam para manter, então eu fazia o curso, já tinha terminado a licenciatura, estava fazendo o bacharel e ao mesmo tempo dava aulas a noite. E o Schemberg era notívago, ou seja, ele acordava às dezessete horas, ou, quando cedo, às dezesseis horas. Evidentemente que quando tinha que participar de alguma coisa ele acordava extraordinariamente bem, mas normalmente o horário dele era esse. E ele virou meu orientador, mas isso era um grande problema porque de dia ele não podia me atender, à noite eu dava aula, então o único horário que ele podia me orientar era das onze horas em diante. Mas aí ele foi cassado. Isso fez com que ele não fosse mais o meu orientador oficial, mas continuou como meu orientador de fato. Acontece que nessa época houve a reforma universitária e aí que eu entro para o departamento de história, porque aí além das disciplinas de física também ministrava aulas de história das ciências físicas. Aí fui mandado para a história. Também havia uma questão eu poderia chamar de sorte. Então são dessas coisas que acontecem na história. Nessa época o professor Euripedes Simões de Paula estava muito preocupado com o fato de que a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências desmembrou. Ele estava então querendo formar um grupo de História da Ciência e me chamou e disse: “Olha Shozo, você não quer ficar realmente aqui no departamento?” porque eu estava com duas opções na época: uma era voltar para o Instituto de Física porque o meu orientador formal que era o professor japonês em física nuclear, também responsável por essa disciplina, também veio para cá em função da reforma. Tudo que tinha “história” vinha para o departamento de História. Mas ele disse: “Eu sou físico nuclear, o que eu vou fazer no departamento de história? Eu vou voltar para o Instituto de Física e acho que é recomendável que você Shozo também volte para o Instituto de Física.” Era uma proposta atraente na medida em que, como desde jovem eu queria ser físico mesmo e tinha algum talento para isso e como sempre fui uma pessoa ambiciosa em termos de trabalho e tinha um convite do

Japão, do grupo de Taketani para ir trabalhar lá em função dos problemas que o Schemberg teve aqui eu poderia ter saído e ido para lá. Mas aí o professor Euripedes veio com essa proposta de formar um grupo de história da ciência.. Desde essa época me dedico ao Departamento de História e ao Centro de História da Ciência procurando enriquecer tanto a formação dos cientistas como a dos historiadores com este exercício interdisciplinar tão raro na Universidade.

24) Sunao Sato

A vida uspiana começa em 1965, quando ingressei na Faculdade de Farmácia e Bioquímica através do vestibular CESCEM. As primeiras aulas foram ministradas ainda no antigo prédio da Três Rios, no bairro da Luz. No ano seguinte houve a mudança para as atuais instalações na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, no Bairro do Butantã, em Pinheiros, Desde o início participamos das atividades da Associação Atlética e do Centro Acadêmico de Farmácia e Bioquímica, exercendo diversas funções na Diretoria e participando ativamente nas Jornadas Científicas, Jogos interunidades como Bio-Vet e manifestações estudantis organizados pelo Centro Acadêmico. Durante o último ano do curso, exercemos a monitoria de disciplina e ao concluir o curso de Farmácia-Bioquímica em 1969, tivemos a honra de ser convidado para colaborar no Departamento. Lembro ainda hoje, como o professor Eugênio Aquarone me convidou: “Você não quer ficar na Universidade?” e fui ser auxiliar de ensino. Fui contrato como auxiliar de ensino em 13 de novembro de 1970 e assim iniciamos a nossa carreira universitária. Quando fui fazer o meu mestrado, ainda não tínhamos os cursos de pós-graduação. Passado um tempo, o professor disse-me: “Puxa vida, você terminou o mestrado, você não vai fazer mais nada? Vamos fazer o doutorado?”. Ainda não havia o curso de doutorado. Fizemos o nosso curso de doutorado fora, como também o pós-doutorado no Japão e na Itália e posteriormente demos um passo maior, que é a livre docência. Uma vez terminada a livre docência, o passo seguinte foi participar do concurso para professor titular, concorrendo com mais dois colegas. Felizmente, conseguimos alcançar este objetivo em 1998 e estamos no Departamento de Tecnologia Bioquímico-Farmacêutica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, exercendo o cargo de professor titular. O título de Mestre em Tecnologia das Fermentações foi obtido com o tema: “Contribuição ao Estudo de Conservação de Melaço por Desinfetantes”, tese desenvolvida para obtenção do grau de Doutor foi “Efeito de Fosfato sobre a Multiplicação de *Saccharomyces cerevisiae* em Cultivo Contínuo”. Na livre docência abordamos o tema: “Contribuição ao Estudo da Fermentação Alcoólica com o aproveitamento de Sacarídeos obtidos a partir de cana-de-açúcar”. Ao longo desta carreira universitária, sempre focamos os temas relacionados com a microbiologia aplicada, tecnologia de fermentações e a moderna biotecnologia industrial. Tivemos a oportunidade de contribuir na edição de livros didáticos na área como a série “Biotecnologia”, editado em 1975 pela Editora Edgard Blucher, em 05 volumes e a série “Biotecnologia Industrial”, em 04 volumes pela mesma editora em 2001. Representações de categorias em diversos níveis, conselho de departamento, congregação, entidades associativas dos docentes e chefia de departamento foram outras atividades desenvolvidas. Orientou alunos de diversas unidades, em nível de iniciação científica, tutoria, especialização, mestrado/doutorado e publicou dezenas de trabalhos científicos em periódicos, congressos e simpósios nacionais e internacionais. Para conseguirmos alcançar esses objetivos contamos com colaboração de muitos colegas, amigos, da família e muitas entidades apoiadoras como a FAPESP, CNPq e outras instituições nacionais e internacionais que propiciaram recursos.

25) Tae Suzuki

Quanto a mim, comecei a fazer o curso de Direito, pois eu queria ser promotora. Mas no meio do curso fiquei muito desapontada, vi ruir por terra aquele ideal de justiça quando o Suzukão – como mais tarde passou a ser chamado para diferenciá-lo de outros professores visitantes também Suzuki – me perguntou se eu poderia ajudá-lo no curso de japonês, em que acabara de me formar, porque estava com falta de docentes. Foi assim que comecei a dar aulas de japonês no velho sistema de professor voluntário. Dei aulas durante um ano e, em seguida, ganhei uma bolsa de estudos para fazer o mestrado no Japão. Terminei o mestrado, mais alguns anos de voluntariado e fui contratada pela USP em 1975. Fiz o doutorado aqui no Brasil, na área de lingüística e por lá fiquei até me aposentar há pouco, em 2005. O que eu gosto de fazer é abrir frentes, criar coisas novas. Nesse sentido, acho que entrei na USP em um momento oportuno, porque o curso de japonês estava começando, não tinha quase nada. Não tinha manual, nem material didático, nada. Para organizar o curso, Suzukão estabeleceu três pilares principais: o primeiro foi chamar especialistas do Japão para dar a formação básica a um máximo possível de estudantes; o segundo foi montar uma biblioteca especializada em estudos japoneses com obras fundamentais em língua, literatura, história, filosofia, artes japonesas; e o terceiro foi enviar estudantes para estudar no Japão. Os primeiros professores visitantes vieram já em 1969 e me lembro que era muito difícil acompanhar as discussões que faziam sobre gramática ou lingüística japonesa, tínhamos que ganhar terreno em tempo curto para podermos participar das discussões. Foi um começo muito duro, mas foi um desafio compensador na medida em que a gente teve que garimpar começar do nada, levantar as estacas. E isso foi muito gratificante, porque a gente tinha uma meta, tinha um ideal e quando se tem um ideal, fica mais fácil traçar um caminho e seguir em frente. Tive também a felicidade de ter colegas maravilhosos que participaram dessa primeira fase. Como eu gosto de desafios, nesse sentido, o que a USP nos proporcionou foi muito gratificante. Quanto aos alunos de pós-graduação, sinto uma mudança na forma de conceber e de atuar na pós-graduação. Ressalvadas as exceções, naturalmente, de um modo geral não via muito entusiasmo para a pesquisa de base, para aquele trabalho de garimpagem, tinham pressa em obter resultados. Não sei se foi o tempo de maturação necessário, mas hoje encontro mais alunos com um futuro promissor como pesquisador. A gente sempre tem esperanças em encontrar alunos que suplantem os mestres. Eu me especializei na área, eu diria mais árida do curso de japonês, língua e lingüística japonesa. Não gosto de teoria pura, de modo que trabalhei com sociolingüística, mais exatamente sobre a linguagem de tratamento. Vai ver sou uma socióloga ou antropóloga frustrada, para não seguir mais uma vez os passos de meu pai. A linguagem de tratamento é o comportamento social refletido na língua, de modo que a partir do estudo sobre os mecanismos de uso do tratamento em japonês, interessei-me pela estrutura da sociedade japonesa, mais exatamente pela evolução da sociedade japonesa, sempre à luz das transformações verificadas no tratamento. Daí para a história do Japão, principalmente da época medieval quando se operaram as maiores transformações sociais, e, portanto comportamentais, foi um pulo. E assim, a gente vai tentando abrir o leque.

26) Valdomiro Shiguero Miyada

Acho, complementando algumas passagens que tive na Universidade e na minha vida que marcaram realmente, que trouxeram muitas alegrias para mim: eu fui contratado em 1978, e eu já era professor homenageado pelos alunos formandos de 1979. Eu estava dando aulas até para

colegas que moraram comigo na Casa do Estudante e, de repente, eu já era homenageado por um grupo... quer dizer, um ano de atividade como docente regular da Universidade e já era homenageado. Isso me marcou muito. Depois eu fui homenageado em várias oportunidades, entretanto aquela que me causou mesmo muita emoção foi exatamente essa homenagem da turma de 79. Tive outras passagens bastante interessantes também e que eu gostaria de relatar é que, quando fui para a Universidade de Purdue para o programa de doutorado, minha avó paterna era viva ainda e ela me dizia o seguinte: “Você não tem medo de ir para a América?” E eu dizia: “Vó, eu não tenho medo, qual a razão da sua preocupação?”. Eu havia me esquecido da guerra, então essa era exatamente uma das razões. “Poxa, lá o pessoal vai discriminar. Você vai sofrer muito.” Então eu falei: “Vó, isso faz parte da nossa vida.” E eu imaginando o sofrimento em termos de dificuldade no programa e ela se referindo exatamente a quê? As conseqüências da Segunda Guerra. Então, todas as vezes que eu telefonava para o meu pai ele falava assim: “A sua avó está preocupada com você. Você está se dando bem aí?” “Perfeitamente bem.” Mas infelizmente naquele mesmo ano perdi minha avó depois de seis meses nos Estados Unidos. O meu avô eu perdi depois da minha volta. Ele morreu em 86, com 98 anos e tanto meu avô como meu pai são pessoas que realmente merecem respeito e admiração. Eu acho que estou sendo muito claro, pela inteligência deles. Em termos de formação meu pai, seu Chico, tem apenas o terceiro ano primário, mas é uma pessoa que é um líder nato dentro da família e da comunidade onde mora. Hoje, já velhinho, com 80 anos, mas de qualquer forma, nos bons tempos dele, mas ele foi uma pessoa que, pela simplicidade, pela capacidade de negociação entre as pessoas e pela inteligência, eu diria, sempre foi respeitada. É uma pessoa fantástica. Logicamente a coordenação da pós-graduação, do programa de pós-graduação em “Ciência Animal e Pastagens” aqui da ESALQ me marcou muito também, porque eu tive uma administração por nove anos subseqüentes, consecutivos, sem qualquer interrupção. Então, isso acaba me mostrando que devo ter contribuído, senão não ocuparia a essa posição por várias gestões, de 87 a 96 é que eu fiquei na coordenação. A partir de 97, assumi a chefia do Departamento de Zootecnia, permanecendo por três mandatos consecutivos. Então, algumas coisas que realmente me marcaram dentro da Universidade, resumindo, eu poderia dizer a primeira homenagem, a coordenação da pós-graduação e a administração do Departamento de Zootecnia por três mandatos. Além disso, tenho lembrança de alguns fatos que devem ser realmente ressaltados em termos de contribuição. Contribuição não só para a Universidade, mas também para a sociedade brasileira, mais especificamente na minha área, fico muito orgulhoso de ter sido a primeira pessoa junto com o meu orientador a utilizar a levedura, empregada na fermentação alcoólica para a produção de álcool, como alimento protéico para animais, especificamente para suínos. Hoje, o que o pessoal da indústria de ração diz é que as informações mais importantes que nós temos ainda são aquelas que o professor Valdomiro divulgou na década de 70, 80 e até 90, tanto em meios de comunicação científica, assim como em publicações técnicas é que dão subsídio até hoje, como fonte protéica.. Eu procuro, embora não tendo tido nenhum treinamento didático, aliás, nenhum curso de didática, é uma preocupação que tenho com todos os meus pós-graduados ou até mesmo estagiários de iniciação científica, em termos de não só saber gerar resultados de pesquisa, resultados interessantes de aplicação prática e imediata, ou então que no futuro venha a ser uma pesquisa de ponta, mas da mesma forma é importante a transferência desses resultados de forma simples. Assim, tenho tentado o máximo possível, junto aos meus pós-graduados, o treinamento de como se comunicar, como transferir realmente resultados de pesquisa em uma linguagem compreensível para alunos de graduação, assim como para produtores de suínos, de aves, enfim, produção animal. Portanto, é importante não só sabermos nos comunicar em termos científicos,

mas também sabermos nos comunicar junto aos produtores que são os mais necessitados das tecnologias geradas junto a Universidade. Essas são algumas das contribuições que eu tenho trazido.

27) Yassuhiro Okay

Ingressei na FMUSP em 1959 e coleí grau em 1964. Creio que fui bom aluno. A influência do Colégio Roosevelt me acompanhou. Sentia grande necessidade de ter parâmetros para me situar no mundo. Ansiava por uma visão de mundo que respondesse às minhas inquietações de ordem filosófica, política e cultural. Assim, durante o curso de medicina, freqüentei cursos de sociologia, economia política, filosofia, cinema e outras artes e me tornei, também, um leitor assíduo e rato de livraria. Tudo isto influenciou, certamente, o modo como passei a enxergar a medicina, em teoria e na prática, centrado numa visão sistêmica do ser humano, como unidade biopsicossocial indissolúvel. Realizei minha residência médica no Departamento de Pediatria da FMUSP, em 1965 e 1966. Em 1967, fui contratado, após concurso, para ser médico assistente do Pronto-Socorro de Pediatria do Hospital das Clínicas. Vivenciei endemias e epidemias, principalmente, as grandes epidemias de diarreia e desidratação da criança, além dos problemas da desnutrição e das epidemias de meningite. Anos difíceis que melhoraram, consideravelmente, com a implantação de políticas sanitárias e vacinação em massa. Em 1972, defendi meu doutorado que foi realizado no Laboratório de Fisiopatologia Renal, chefiado pelo professor Marcello Marcondes Machado. Em 1980, no mesmo laboratório, produzi minha tese de livre-docência e me concursei em 1980. Em 1984, fui aprovado no concurso para professor adjunto e, em 1988, tornei-me professor associado do Deptº de Pediatria da FMUSP. Em 1991, candidatei-me para concurso de professor titular, tendo sido aprovado e indicado. Tomei posse em 1º de janeiro de 1992. Fui o primeiro professor titular da FMUSP, de origem japonesa. Como Chefe do Deptº de Pediatria da FMUSP implementei vigorosamente, as ações acadêmicas relacionadas à cultura e extensão, ensino e pesquisa, sem nunca perder de vista a visão sistêmica do ser humano em geral e da criança, em particular. Como Presidente do Conselho Diretor do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da FMUSP, por 10 anos, promovemos reformas estruturais, ampliamos, com mais um prédio, o Instituto da Criança e construímos, juntamente com a Fundação Criança, o Instituto de Tratamento do Câncer Infantil. Inovamos, juntamente com o diretor executivo do Instituto da Criança, Dr. Paulo Roberto Pereira, a gestão do mesmo, fazendo-a participativa, o que propiciou a adesão desinteressada de médicos e das diferentes categorias profissionais. Elegemos a gestão de processos como marco da administração. Ao mesmo tempo, criamos projetos de humanização voltados para a criança e seus pais e para os funcionários do I. Cr. Proporcionamos, aos nossos funcionários, o crescimento profissional e humano, financiando, parcialmente, diferentes cursos que foram ministrados à noite, no I. Cr. Como Presidente do Conselho Diretor do I. Cr. fui membro do Conselho Deliberativo do HC-FMUSP por mais de 10 anos. No final de 2002, o Professor Giovanni Guido Cerri e eu, concorremos, respectivamente, para Diretor e Vice-Diretor da FMUSP e realizamos uma gestão de 2002-2006 que foi muito elogiada na casa. Como Vice-Diretor da FMUSP, fui vice-presidente do Conselho Deliberativo do HC-FMUSP; presidi a Comissão de Planejamento e Controle do HC sendo também Vice-Diretor Geral da Fundação Faculdade de Medicina, cargo que exerço até hoje, ao lado do Diretor Geral, Professor Flávio Fava de Moraes. Do ponto de vista acadêmico, sucintamente, formamos dezenas de médicos entre pós-graduandos senso estrito, sendo lato, estagiários etc. Publicamos sete livros, um deles, o livro de texto de pediatria, em 3 volumes,

verdadeiro Tratado de Pediatria. Publicamos mais de 160 artigos nacionais e mais de 50 internacionais.

Certamente, o Colégio Roosevelt foi excepcional. Como disse Montaigne, “mais vale uma cabeça bem feita do que bem cheia”. O Roosevelt me deu isso – uma cabeça bem feita, que tenho procurado aprimorar ao longo da vida. A escola me ensinou o compromisso institucional e social, a cidadania, etc. Participei, durante o curso médico, das discussões relevantes daquela época. A Faculdade fervia e era muito politizada. No 4º ano da faculdade eu e outros colegas prestávamos assistência médica à Associação Paulista de Assistência Social, na Rua Tomás Gonzaga, na Liberdade. A associação era um órgão do partidão e ficamos lá por 3 anos. Para surpresa minha lá conheci o Jacó Gorender que fora lá para fazer um curativo. Eu o atendi e falei sobre o curso que tinha freqüentado uma semana antes, sobre Marxismo e Existencialismo e que fora ministrado pelo Mário Schemberg e pelo Jacó Gorender. Com o Golpe de 1964, nos anos subseqüentes, vários professores da faculdade foram demitidos pelo governo militar. Anos de chumbo que felizmente passaram. Tenho apenas uma filha. Fui casado com uma professora de história de origem italiana e portuguesa. Me divorciei alguns anos depois. Amo e admiro minha filha. Ela é dermatologista. Mantemos uma relação de amizade e companheirismo. Ainda não tenho netos, mas certamente eles virão. Para terminar, gostaria de lembrar de alguns amigos e colegas de classe no Colégio Roosevelt, que seguiram caminhos diferentes: O saudoso Wladimir Herzog e outros ainda atuantes na USP como Yojiro Hama (Física); Umberto Cordani e Vicente Girardi (Geologia) e Walter Colli (Química).

28) Yassuiyuki Sasaki

Durante dois anos dormi apenas 4 horas por dia, estudando muito português e outras matérias para poder passar no vestibular. Tentei decorar o dicionário de português devido a minha ineficiência na língua e felizmente passei em 1969, entrei na escola de educação física da USP onde me formei. Em 1971 a Lei Federal nº. 640 tornou obrigatório que os estudantes deveriam praticar algum esporte e, assim, foi criado o centro de práticas esportivas, o CEPEUSP atual. Na época eu fui convidado a dar aula de karatê. Eu fui contratado como autárquico, mas como o CEPE-USP mudou o regime, sou hoje CLT comum. Era época de filmes do Bruce Lee e outros dragões do Kung-fu, isso fazia com que minha aula fosse lotada. Me lembro que na época todos os horários eram lotados, tinha em média 400 alunos por semestre. Passei a dar aula na USP em 1972 e tentei iniciar a parte acadêmica - mestrado, etc. - mas acabei por fazer o equivalente a isso na área de karatê, consegui o oitavo dan, acho que no Brasil só tem duas pessoas, então conquistei os títulos mais difíceis que um doutorado. Para mim há nada a reclamar nesse sentido. Hoje não sou mais docente, para me dedicar à pesquisa eu teria que abandonar os treinos e pesquisa de karatê. Em 2005, de novo retornei ao Japão, fui disputar campeonato dos mestres acima do quinto grau, e tive sorte também, tirei medalha de terceiro lugar. Eu não fiz questão de ir para a final, porque fui testar, fui vencendo mestres japoneses, me senti feliz, e achei suficiente. Hoje, acho que não faço questão de ser campeão e me sinto grato pela minha técnica, onde consegui prever o movimento do adversário através de concentração e respiração. Também devo muito de minha evolução ao mestre Tanaka. Muitos dizem que eu fui realmente pioneiro de difusão do karatê científico aqui no Brasil. Já dei aula em muitas universidades, inclusive nos Estados Unidos, na Califórnia, fui pra Itália e muitos outros países. Aqui no Brasil praticamente em todos os estados. Através das federações, através da universidade, estou difundindo esse karatê científico e educativo. Karatê científico é aprimorar os treinos da forma tradicional e

adicionar o conceito em todos os sentidos: da medicina, pesquisa, fisiologia, biomecânica, higiene e saúde. É colocar em prática tudo o que nós aprendemos na escola de educação física. A metodologia de ensino varia de acordo com a faixa etária: deve-se, em prioridade, exigir habilidades motoras em geral com pessoas até 12 anos e aprimorar força muscular de pessoas até 23 anos –aproximadamente- e a partir dessa idade trabalhar o estado de “ser”, estado de espírito evitando assim acidentes. Deve-se lapidar de forma completa, como afiar uma faca. O corpo físico deverá ser uma árvore de crescimento para evolução do seu espírito.

29) Yatiyo Yassuda

Comecei como estagiária, continuei na pós, depois fui contratada como docente e fiz toda a minha vida profissional dentro da Universidade de São Paulo, dentro do mesmo departamento que se chama hoje Genética e Biologia Evolutiva. Não preciso dizer o quanto a genética cresceu e eu participei de várias etapas dessa revolução genômica que existe hoje. Eu fui orientada pelo Dr. Oswaldo Frota Pessoa que atualmente tem noventa anos e talvez na minha vida profissional tenha sido o maior privilégio ter sido sua orientada e conviver com ele, um geneticista humano de uma sabedoria e de uma capacidade de trabalho que provavelmente é um genótipo privilegiado. Todos os orientandos dele que implantaram certas linhas de pesquisa sabem que devemos muito ao mestre que nós tivemos na pós-graduação. Eu comecei o meu mestrado em citogenética, que é o estudo dos cromossomos e foi uma área que me entusiasmou muito. Participei como estagiária da implantação das primeiras culturas de linfócito humano. Olhar nos microscópios uma célula em metáfase com todos os cromossomos nítidos e possíveis de análise é um prazer científico muito grande. Portanto, eu acho que fui muito feliz na escolha da área de trabalho. Nunca me arrependi do que eu trabalho.

Atualmente eu me dedico à genética animal e citogenética de vertebrados. A minha produção científica é citogenética de roedores, marsupiais, lagartos e anfíbios. Quando eu iniciei a pesquisa, eu diria que foi uma época em que existiam várias áreas do conhecimento e um vazio imenso. Existia tudo para ser feito. Tudo o que você descobria e analisava era material inédito. Foi a sorte de estar no lugar certo no momento certo. Fiz a minha vida profissional, somos reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. Tive vários discípulos, tenho alunos espalhados pelo Brasil inteiro em várias instituições de pesquisa que me dão muito orgulho. Eu acho que formamos cabeças éticas, profissionais, que eu vejo hoje produzindo, orientando e tendo várias gerações de pesquisadores como uma semente que começou com o Doutor Oswaldo Frota Pessoa e que conseguimos implantar no país. Orientei cerca de vinte e cinco alunos, ainda tenho dois alunos de doutorado, uma delas deve ir para a Inglaterra desenvolver uma tecnologia que não temos aqui no Brasil. Ela atualmente está de licença maternidade. Tem essas coisas, acabou de ter uma criança. Eu acho que o nosso papel foi razoavelmente cumprido.

30)Yogiro Hama

Terminando o curso colegial, entrei na faculdade de filosofia, no curso de física. Aí comecei a estudar Física propriamente. Terminei o curso em 1960. Quando estava no segundo ou terceiro ano, vieram os primeiros professores japoneses como professores visitantes. Um deles assumiu o cargo de diretor científico no Instituto de Física Teórica que ficava na rua Pamplona. Quando eles vieram eu passei a freqüentar lá e de vez em quando conversava com eles. Eles me tratavam muito bem e eu perguntava o que deveria estudar para aprender física moderna. Eles me indicaram alguns livros e passei a estudar. Na época em que era aluno eu comecei a trabalhar no laboratório que o professor Sala que havia construído, o acelerador de partículas, ele era o diretor

desse laboratório. Comecei a minha iniciação científica aí, recebendo a bolsa do CNPQ. Mas comecei a trabalhar lá mais por curiosidade. Eu queria ver como os experimentalistas trabalhavam. O meu interesse era sempre fazer física teórica. Quando terminei o curso eu mudei para a física teórica. Nessa época havia três professores japoneses no instituto de física teórica. O mais jovem desses três professores, o professor Ossada ficou um tempo no Brasil. Depois de terminar o contrato dele com o instituto de física teórica, ele veio para a USP e começou a trabalhar no departamento de física. Não havia ainda o instituto de física no departamento de física da faculdade de filosofia. Eu passei a estudar com ele. Na USP não havia ainda curso de pós-graduação. Quem terminava o curso e queria continuar na vida acadêmica geralmente trabalhava como assistente dando aula de exercícios e ao mesmo tempo fazendo pesquisa com algum professor. Eu então comecei na parte teórica a trabalhar com esse professor que viera do Japão. Assim fiquei dois anos. No fim do segundo ano eu estava começando a procurar algum lugar no exterior para poder continuar os estudos no curso de pós-graduação. Para nós do Brasil o lugar que parecia mais fácil para mim eram os Estados Unidos. Então andei pedindo para várias universidades como Princetown, MIT, etc, folhetos explicativos sobre os cursos de pós-graduação, quais as possibilidades de obter bolsas de estudos e assim por diante. Quando estava já preparando para ir para alguma universidade americana veio uma notícia muito boa para mim: em uma das conferências das quais o professor Sala participou no exterior, ele se encontrou com o professor Iukawa que disse a ele que gostaria de convidar algum jovem brasileiro para o instituto dele. Aí o professor Sala trouxe esse convite para o departamento de física, ele discutiu com o professor Schemberg que era o chefe do departamento e também com o professor Taketani, que estava naquela época no departamento de física como professor visitante, ele era muito amigo do professor Iukawa, aliás, foi o primeiro discípulo do professor Iukawa e eles acharam que eu estava mais em condições de ir para o Japão para trabalhar no instituto do professor Iukawa. Isso porque eu tinha terminado o curso havia dois anos e então era uma época boa para ir estudar no exterior. Também não tinha nenhum problema de língua. Então fui escolhido e ao invés de ir para os Estados Unidos, fui para o Japão. Foi a melhor coisa que eu fiz nessa época. Então frequentemente fui a Lion não só durante o tempo em que fiquei em Turim, mas depois de voltar para o Brasil fui muitas vezes a Lion, Turim, depois a Genebra, sempre estudando a interação forte. Como essas partículas interagem fortemente nós chamamos de ádrons, que é o nome que damos a essas partículas. Como essas partículas interagem? Isso é o que nós queríamos saber. Esse estudo continuei e continuo até hoje. Tive alguns estudantes que se formaram comigo, se doutoraram comigo, alguns foram para o exterior. Comecei também uma colaboração com um grupo alemão que conheci em uma ocasião em que eu estava no laboratório em Genebra, eu estava passando uma temporada lá e eu tinha discutido com o diretor desse centro sobre um trabalho que eu tinha feito baseado em um modelo chamado modelo hidrodinâmico. O modelo em si apareceu em 1954, bastante velho, mas pouca gente naquela época dava valor a esse modelo, pouca gente acreditava nos resultados desse modelo porque o que nós estudamos são coisas minúsculas e hidrodinâmica é algo que exige bastante matéria. Então ninguém imaginava que no estudo daqueles objetos minúsculos valesse a hidrodinâmica. Eu fiquei conhecendo esse modelo no dia em que um aluno meu me trouxe um trabalho dizendo: “olha, tem um trabalho interessante.” Eu dei uma olhada, não conhecia esse tipo de trabalho e gostei e passei a estudar e cada vez que estudava gostava mais do modelo. Esse modelo hidrodinâmico eu devo dizer que hoje em dia ele é uma das ferramentas fundamentais para o estudo de colisões entre núcleos a altíssima energia. Esses aceleradores com o tempo e o desenvolvimento da tecnologia foram sendo criados com cada vez mais potência. A partir deste

ano vai entrar em funcionamento um novo acelerador que vai criar matéria muito mais quente, que ocupa uma extensão maior. Esses estudos com colisões de núcleos pesados e altíssima energia cria matéria que supõe-se que existia no começo do universo. Para entender as propriedades daquela matéria o que pode fazer em um laboratório são colisões desse tipo jogando um núcleo pesado contra outro núcleo pesado a altíssima energia formando matéria bem quente. Apesar de essa matéria ter extensão muito reduzida comparada com o universo atualmente, hoje em dia é praticamente a única maneira de reproduzir alguma coisa parecida com o que supõe que existia no começo do universo. O instituto onde eu fiquei dispunha de verba especial para pesquisas em física teórica. Essa verba era distribuída entre diferentes grupos e os diferentes grupos constituídos de algo entre meia dúzia até dez ou quinze pessoas, no máximo, eles se reuniam em diferentes lugares, faziam as pesquisas, se encontravam de tempos em tempos, duas, três reuniões por ano. Enquanto isso eles faziam pesquisas nos seus institutos ou faculdades e quando eles se reuniam discutiam sobre os resultados, tiravam conclusões e planejavam para o período seguinte. Achei que este era um método muito bom para fazer pesquisa, para avançar a pesquisa e também para incentivar pesquisadores novos. Isso eu quis fazer também aqui no Brasil.

31) Yoshio Kawano

Depois que eu me formei, comecei a fazer a pós-graduação, o mestrado e fui caminhando para o doutorado, já me afastei um pouco da atividade política, porque a atividade científica ocupava muito tempo. Então a parte política propriamente dita acabou ficando em segundo plano.

Quanto a minha origem japonesa, tenho que confessar que eu nunca refleti sobre isso. Talvez porque aqui no Brasil a gente não tenha discriminação com o japonês propriamente dito. Eu, pelo menos, nunca me senti discriminado. Então nunca cheguei a refletir profundamente sobre esse assunto. Mas, conhecendo um pouco sobre a história do Japão, eu me sinto feliz e satisfeito por ter nascido descendente de japonês. Morei dois anos lá e conheço razoavelmente bem o Japão. Como eu falo japonês, uma vez no Japão, eu não sinto muita diferença; exceto nos costumes, nos hábitos. Mas eu me identifico, consigo sobreviver harmoniosamente bem no Japão. No Brasil também. Não tenho problemas. Casei com uma nissei. Tenho duas filhas. Uma delas estudou comércio exterior e a outra é cirurgiã dentista. Minha vida foi dedicada à família e à ciência.

Quando eu comecei o mestrado e o doutorado foi em uma especialidade chamada espectroscopia molecular, porque eu me identificava bem com essa linha de pesquisa. Isso é determinar a estrutura de moléculas usando a técnica de absorção do infravermelho e de espalhamento Raman. E era um laboratório que tinha longa tradição no Departamento de Física porque o professor que iniciou a pesquisa, Hans Stammreich, veio fugindo da perseguição aos judeus na Alemanha e aqui instalou um laboratório bastante conceituado no exterior naquela época. Ele desenvolveu uma lâmpada de hélio que era única no mundo. Com isso ele conseguiu fazer pesquisa de primeira linha na ocasião. Era uma linha bastante produtiva, bastante reconhecida mundialmente e me identifiquei com os professores e com essa linha de pesquisa. Uma vez terminado o doutorado e o pós-doutorado, com o passar do tempo, mudei um pouco a linha de pesquisa, em vista da necessidade de se criar uma nova linha no Instituto de Química, que estava carente nessa área: o estudo sobre polímeros. Então me aprofundei, estudei por conta própria e consegui criar disciplinas próprias sobre polímeros, desenvolver núcleos de pesquisas em polímeros. É essa atividade que venho desenvolvendo até hoje.

Eu já formei quatorze mestres e nove doutores nessa linha de pesquisa. Agora, já não estou aceitando alunos, porque no fim do ano estou me aposentando pela compulsória. Então, já estou em ritmo mais lento.

A Universidade abriu uma série de oportunidades que até então a gente não vislumbrava. Mas não cheguei a assumir nenhum cargo como chefe de Departamento ou diretor da Instituição. Fui coordenador da área de pós-graduação, pertencendo a várias comissões da Instituição, das quais sempre participei. Sempre me propus a colaborar com a Instituição naquilo que eu poderia, prestando um serviço para essa Instituição. Eu me identifiquei bem com as ciências exatas e acho que acertei. Não me arrependi nunca!